



UNIVERSIDADE DE CABO VERDE
DEPARTAMENTO DE CIENCIAS SOCIAIS E HUMANAS

ADRIANA PIRES FERNANDES BAPTISTA

**INTERRELAÇÃO ENTRE PAIS E EDUCADORES NA
EDUCAÇÃO DAS CRIANÇAS NO PRÉ-ESCOLAR.**

- ESTUDO DE CASO -

LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DE INFÂNCIA

Universidade de Cabo Verde

2010

Adriana Pires Fernandes Baptista

**Interrelação entre Pais e Educadores na Educação das Crianças no Pré-
Escolar.**

- Estudo de Caso -

Trabalho Científico apresentado à UNICV para a
obtenção do grau de Licenciatura em Educação de
Infância, sob a orientação da Mestre Eurídice
Amarante.

Universidade de Cabo Verde

2010

Aprovado pelos Membros do Júri

Foi homologado pelo Reitor da Universidade de Cabo Verde como requisito favorável ao Grau de Licenciatura em Educação de Infância.

O Presidente

.....

O Arguente

.....

A Orientadora

.....

Praia, 22 de Setembro de 2010.

Agradecimentos

A elaboração deste trabalho foi graças a colaboração de várias pessoas, e é com prazer que desejo exprimir aqui a minha gratidão.

Quero primeiramente agradecer a Deus pela vida, saúde e disposição concedida durante esses anos.

De forma particular, agradeço a minha estimada orientadora Mestre Eurídice Amarante pela sua orientação e apreciação crítica nas diversas fases de realização deste trabalho. Pois, sem a sua incansável e prestigiosa atenção, hoje este trabalho não teria sido realizado.

Vai igualmente, um grande louvor o meu querido esposo, Hélio Jacy Baptista e Costa, por seu apoio e estímulo constantes.

Ao meu filhote Heliandro Fernandes Baptista e Costa pela paciência.

À minha irmã, Adriene Fernandes Moreira, pelo seu incentivo, e pelas ideias enriquecedoras.

Aos meus ilustres colegas, pela força e compreensão nos momentos de agitação.

A esses e aos meus familiares e amigos que directa ou indirectamente contribuíram para a efectivação deste trabalho, vai um muito obrigado.

Dedicatória

Dedico este trabalho aos meus pais: Juvenal Fernandes e Isabel Gonçalves Pires Fernandes, pela força e confiança pelo carinho e amor que me concederam.

E aos meus irmãos e sobrinhos, pelo carinho e grandiosidade com que lidam comigo.

É com muita satisfação que através deste e de uma forma especial, que dedico este trabalho a todos que uma me ajudaram nesta longa caminhada.

Índice Geral

Introdução	1
Capítulo I – Marco Teórico	5
1.1. Concepção de criança e da infância	5
1.2. A família	5
1.3. Comunicação e interrelação jardim-de-infância/família	6
1.4. Participação e envolvimento dos educadores no jardim-de-infância	8
1.5. Educação	9
1.5.1. Tipos de educação	10
1.5.1.1. Educação formal	10
1.5.1.2. Educação não-formal e informal	10
1.5.1.3. A influência dos pais no desenvolvimento e educação das crianças	12
1.6. A educação no jardim-de-infância	12
1.7. Enquadramento legal da educação do pré-escolar	16
1.7.1. A entrada no jardim-de-infância	17
1.8. Conceito de monitora/educadora de infância	20
1.9. O papel dos educadores de infância/monitores	20
1.10. Algumas atitudes que os educadores de infância devem ter em conta nos contactos com a família/ pais:	21
Capítulo II – Fundamentação Metodológica	23
2.1. Abordagem da pesquisa	23
2.2. Estudo de caso	23
2.3. Procedimentos:	24
2.4. Técnicas de recolha de dados	26
2.4. 1. A Observação participante	26
2.4.2. Inquéritos por questionários	26
2.4.3. Inquéritos por entrevistas	27
2.4.4. A análise dos documentos	28
2.5. Amostra	28
2.5.1. Caracterização das crianças do jardim “Sol D’ Infância”	28
2.5.2. Caracterização do meio em que o jardim está inserido – “Jardim Sol D’ Infância”	29
2.5.3. Infra-estruturas existentes	29
2.5.4. Relação interpessoal entre os funcionários da instituição	29
2.5.5. Relação da instituição com a família	30

2.5.6. Recursos humanos do “Sol D’ Infância”	30
2.5.7. Recursos físicos	30
2.6.1. Caracterização das crianças do jardim “Flores da Suíça”	31
2.6.2. Caracterização do meio em que o jardim está inserido – Jardim “Flores Da Suíça”	31
2.6.3. Infra-estruturas existentes.....	32
2.6.4. Relação interpessoal entre os funcionários da instituição	32
2.6.5. Relação da instituição com a família	32
2.6.6. Recursos humanos do jardim Flores da Suíça	33
2.6.7. Recursos físicos	33
Capítulo III – Análise a Discussão dos Dados.....	34
3.1. Análise da entrevista à coordenadora do jardim “Sol D’ Infância” e do jardim “Flores da Suíça”	34
3.2. Análise dos questionários aplicados às educadoras e monitoras dos jardins “Sol D’ Infância” e “Flores da Suíça”	38
3.3. Análise dos questionários aplicados aos pais e encarregados de educação dos jardins “Sol D’ infância” e “Flores da Suíça.”	48
Conclusão.....	58
Recomendação.....	61
Referências Bibliográficas.....	63
Anexos	67
A1.Questionário aos pais e encarregados de educação	67
A2. Questionário aos educadores de infância	71
A3. Guião de entrevista	75

Tabelas

Tabela I – Funcionários que trabalham no jardim Sol D’ Infância, seus tempos de trabalho e as suas escolarizações.....	30
Tabela II – Funcionários que trabalham no jardim Flores da Suíça, seus tempos de trabalho e as suas escolarizações.....	33
Tabela III: Grau académico das educadoras e monitoras dos jardins Sol D’ Infância e Flores de Suíça.	39
Tabela IV – Participação das educadoras e monitoras nas actividades do jardim-de-infância	44
Tabela V – Participação dos pais e encarregados de educação na actividade no jardim-de-infância	54

Gráficos

Gráfico I – Distribuição de habilitações literárias das educadoras e monitoras.....	39
Gráfico II - Distribuição por sexo das educadoras e monitoras	40
Gráfico III - Distribuição de idade das educadoras e monitoras	40
Gráfico IV - Níveis de participação dos pais no jardim-de-infância	42
Gráfico V – Visitação dos pais e encarregados de educação	46
Gráfico VI – Distribuição por sexo dos pais e encarregados de educação.....	49
Gráfico VII – Distribuição de idade dos pais e encarregados de educação.....	49
Gráfico VIII - Distribuição de habilitações literárias dos pais e encarregados de educação	50
Gráfico IX – Distribuição dos pais e encarregados de educação de acordo com a experiência profissional.....	50
Gráfico X – Distribuição de grau de parentesco em relação às crianças.....	51
Gráfico XI - Níveis de participação dos pais no jardim-de-infância.....	53

Introdução

No mundo globalizado em que vivemos, os conceitos relacionados com a educação tem-se multiplicado, e os conceitos como interrelação, envolvimento, participação, cooperação, e parcerias têm sido muito utilizados nos vários discursos sobre a educação.

A questão da relação entre o jardim-de-infância e a família é actual, contudo não podemos dizer que se trata de uma preocupação nova.

A existência do jardim-de-infância sempre implicou a relação com a família das crianças, quer próxima ou distante, formal ou informal.

Assim acabamos por direccionar o nosso trabalho de pesquisa em quatro esferas principais a saber: a família, o jardim-de-infância, a criança e a interrelação entre pais e educadores/monitores.

A família é vista como célula principal e primário de todos no processo educativo. Assim, ela deve ser um centro educativo primordial e deve agir num sentido remediativo, relativamente às ameaças e às classificações negativas e outras formas de reprovações sociais, e preventivamente com um carácter pedagógico, que passa pela consciencialização da criança do que é bom e do que é mau, o necessário e o desnecessário, tudo isso através de um diálogo positivo. Podemos dizer que a família constitui o principal parceiro para a integração das crianças no jardim-de-infância. Então para que um jardim seja mais efectiva, ela deve desenvolver melhor a sua relação com a família, visando acima de tudo, o melhoramento de todas as crianças.

O jardim-de-infância é um espaço educativo, vocacionado para o desenvolvimento e proporciona actividades educativas e de apoio à família organizado em função da criança e adequado às actividades que nele se desenvolvem.

As actividades nos jardins-de-infância são organizadas e orientada com base numa articulação permanente entre educadores de infância e pais de forma que possa assegurar a indispensável informação, esclarecimento recíproco, intercâmbio e prestação mútua de serviços, revelando-se necessário e de extrema importância o envolvimento da comunidade na vida do jardim, tendo sempre o cuidado para não haver contraposição das funções.

Independentemente das modificações do tempo, o jardim-de-infância é um lugar que por princípio, é vinculado ao conhecimento que acreditamos seja necessário transmitir às novas gerações. Cada instituição, seja qual for o seu nível, jardim-de-infância, escola secundária ou universidade, deve reunir em torno de si as famílias das crianças, estimulando as iniciativas dos seus pais em favor da educação.

Esta família, enquanto principal agente educativo, deve ser informada e participar activamente no decorrer do processo educativo, e para que isso seja possível, ela deverá participar de todas as actividades que são realizadas no jardim-de-infância, como por exemplo: eventos, celebrações e reuniões onde são tratadas as questões pontuais, encontro individuais com os pais, para resolver assuntos específicos, etc.

A colaboração dos pais no pré-escolar tem tradições muito diferentes em países distintos. Em alguns países existem práticas de colaboração bem estabelecidas e experimentadas, enquanto noutros, os casos de participação são isoladas. No entanto, qualquer que seja a tradição, a importância dos pais na educação das crianças é fundamental e reconhecida. (Fontao, 2000, citado por Correia e Serrano, 2000).

Segundo Fontao (2000) A família tem um papel importante no processo de ensino e aprendizagem das crianças e quando ela actua de forma cooperativa com o jardim-de-infância o sucesso e o desenvolvimento da aprendizagem são bem maiores.

Neste sentido a proposta do desenvolvimento desta pesquisa justifica-se por algumas razões: Razões pela qual refere-se ao facto da área da nossa formação ter despertado em nós o interesse em saber até que ponto poderá existir ou não, uma interrelação entre os pais e educadores na educação das crianças no pré-escolar, e também uma curiosidade académica, com a qual pretendemos aprofundar o conhecimento nessa área.

E também advém de uma preocupação da maioria dos educadores que é o nosso caso, e neste sentido, acreditamos que essa participação deve-se iniciar desde o pré-escolar, porque é de se reconhecer a importância fundamental dos pais e dos educadores de infância no

desenvolvimento das crianças, que se oriente para o crescimento intelectual, afectivo e social das mesmas.

Partindo desses pressupostos, propusemos para o estudo as seguintes perguntas de partida:

- Como se processa a interrelação entre pais e educadores de infância na educação das crianças no pré-escolar?
- Qual é a actividade que caracteriza uma máxima participação dos pais nos jardins-de-infância?

Procuramos neste estudo analisar a relação existente entre pais e educadores na educação das crianças no pré-escolar nos jardins “Sol D’ Infância” e “Flores da Suíça”. A nível geral o nosso objectivo è:

- Analisar o processo de interrelação entre pais e educadores na educação das crianças no pré-escolar;
- Promover as actividades nos jardins para analisar a participação dos pais;
- Identificar a actividade que caracteriza a máxima participação dos pais;

A nível específico propusemos os seguintes:

- Inventariar as actividades da participação dos pais e encarregados de educação nos jardins-de-infância;
- Identificar o tipo de relação que os pais e encarregados de educação estabelecem com o jardim-de-infância;
- Analisar a atitude dos pais enquanto participantes nas actividades dos jardins;
- Avaliar a atitude dos educadores relativa á envolvimento dos pais nas actividades dos jardins-de-infância;

Para a elaboração deste trabalho de pesquisa foi utilizado um *Estudo De Caso* dos Jardins-de-infância Sol D’ Infância e de Flores da Suíça, conforme os instrumentos de recolha de dados nos afirmam.

Ainda adoptamos a *análise qualitativa* (na medida em que se pretende obter os dados por meio do contacto directo do pesquisador com a situação de estudo, preocupando-se em retratar a perspectiva dos participantes e a contextualização do problema a partir da realidade vivida) e também a *análise quantitativa* (na medida em que reveste de particular importância de análise de material qualitativa e porque também utilizamos o programa Excel para análise dos nossos questionários, ou seja, para o tratamento dos dados) com recurso à análise de conteúdo.

Deste modo o trabalho se encontra estruturado em três capítulos:

No capítulo 1, debruçamos sobre o marco teórico no sentido de analisar alguns conceitos e teorias que são relevantes de uma forma sistemática para o desenvolvimento da temática.

O capítulo 2, fundamentação metodológica, foi com o intuito de dar a conhecer quais as abordagens da pesquisa utilizada durante a nossa investigação.

Em relação ao capítulo 3, reservamos exclusivamente a apresentação dos instrumentos de recolha de dados e das actividades realizadas durante o decorrer da nossa pesquisa nos jardins em estudo, e das análises e discussão dos dados.

O trabalho conta com a introdução, o índice e finalizamos o mesmo com as principais conclusões e algumas recomendações que este estudo proporcionou, tanto ao nível de aproveitamento intelectual, como em relação a sua concretização prática. Também apresentaremos as referências bibliográficas consultadas para a elaboração deste trabalho e os anexos.

Capítulo I – Marco Teórico

1.1. Concepção de criança e da infância

A concepção da Criança de acordo com o Dicionário Língua Portuguesa- Prestígio (2007) é ser humano de pouca idade; pessoa muito jovem; pessoa que se comporta de modo que revela imaturidade.

A Convenção Internacional dos Direitos das Crianças, define Crianças como todo o ser humano menor de 18 anos. Salvo se nos termos da lei que lhe for aplicável, atingir a maioridade mais cedo (artigo 1^a da Convenção Internacional dos direitos das crianças).

Segundo Ariès (1978), a concepção de infância dos dias actuais é bem diferente de alguns séculos atrás. É importante salientar que a visão que se tem da criança é algo historicamente construído, por isso é que se pode perceber os grandes contrastes em relação ao sentimento de infância no decorrer dos tempos. O que hoje pode parecer uma aberração, como a indiferença destinada à criança pequena, há séculos atrás era algo absolutamente normal. Por maior estranheza que se cause, a humanidade nem sempre viu a criança como um ser em particular, e por muito tempo a tratou como um adulto em miniatura. (op cit, 1978).

1.2. A família

A família é uns dos agentes mais importantes da socialização do indivíduo e tem como objectivo principal contextualizar o seu desenvolvimento.

Na perspectiva do sociólogo Giddens a família é “Um grupo de pessoas unidos directamente por laços de parentesco o qual, os adultos assumem a responsabilidade de cuidar das crianças. Os laços de parentesco são relações entre indivíduos estabelecidos através do casamento ou

por meio de linhas de descendência que ligam familiares com consanguíneas (mães, pais, filhos e filhas, vos etc.).” Giddens (2000: 688).

Para Minuchin (1990), a família é uma unidade básica da sociedade formada por indivíduos com ancestrais em comum ou ligadas por laços afectivos.

Assim sendo concordamos com Minuchin (1990), que a família representa um grupo social primário que influencia e é influenciado por outras pessoas e instituições. É um grupo de pessoas, ou um número de grupos domésticos ligados por descendência (demonstrada ou estipulada) a partir de um ancestral comum, matrimónio ou adopção.

Os papéis e as funções estão igualmente implícitos nas famílias. As famílias como agregações sociais, ao longo dos tempos, assumem ou renunciam funções de protecção e socialização dos seus membros, como resposta às necessidades da sociedade pertencente. Nesta perspectiva, as funções da família regem-se por dois objectivos, sendo um de nível interno, como a protecção psicossocial dos membros, e o outro de nível externo, como a acomodação a uma cultura e sua transmissão. A família deve então, responder às mudanças externas e internas de modo a atender às novas circunstâncias sem, no entanto, perder a continuidade, proporcionando sempre um esquema de referência para os seus membros (Minuchin, 1990). Existe consequentemente, uma dupla responsabilidade, isto é, a de dar resposta às necessidades quer dos seus membros, quer da sociedade (Stanhope, 1999).

1.3. Comunicação e interrelação jardim-de-infância/família

Para Diogo (1998), a comunicação jardim-de-infância/família surge como uma via de aumentar a compreensão das famílias sobre a escola/jardim, na medida em que viabiliza juízos mais fundamentais sobre a realidade dos estabelecimentos do ensino. Havendo uma boa comunicação entre os educadores de infância e a família o relacionamento entre ambos fica mais fácil e agradável. Para que isso aconteça, são necessários termos educadores e pais com um amadurecimento intelectual, emocional e comunicacional que facilita todo o processo de aprendizagem.

Marques (1991), acredita que quando existe uma interrelação entre o jardim-de-infância e a família, com certeza que existirá uma maior cooperação e entendimento entre ambas, o que é necessário e fundamental. O conhecimento da família do aluno é indispensável para a eficácia do trabalho escolar. Embora, tal conhecimento seja essencial para o professor, a escola através de serviço do intercâmbio com a família, pode fazer visitas e disponibilizar informações dos professores.

Ao iniciar a educação pré-escolar, a criança já adquiriu algumas aquisições básicas nos diferentes domínios da expressão e comunicação. Este é o ponto de partida para o educador favorecer o contacto como várias formas de expressão e comunicação, proporcionando o prazer de realizar novas experiências, valorizando as descobertas de criança, apoiando a reflexão sobre estas experiências e descobertas, do modo a permitir uma apropriação dos diferentes meios de expressão e comunicação. (MEDEBNEPE 2002). Este processo implica proporcionar situações de aprendizagem diversificadas e progressivamente mais complexas.

A comunicação na sala de aula visa sobretudo desenvolver na criança as capacidades de interagir com o mundo através da fala, porque a função principal da linguagem é a de permitir a comunicação. É através dela que mantivemos relações com as outras pessoas e com o mundo. Assim todas as actividades que se realizam devem tentar estimular as crianças a falarem espontaneamente, a utilizarem a sua imaginação, a desenvolverem as suas capacidades de improvisação, e de comunicarem os seus pensamentos, sentimentos e vivências (op cit, 2002).

Por isso é importante a comunicação entre crianças com crianças e também com monitores na sala de aula.

Peres (1977:48), “defende que devemos ter em conta sempre, que cada pai e encarregado de educação têm as suas experiências com o jardim e que o seu relacionamento pode ser inculcado pela sua forma de pensar e pelo seu próprio passado no jardim-de-infância. São vários os factores que, segundo o referido autor, podem influenciar o comportamento dos pais com os jardins, a saber:

- ❖ Suas próprias experiências como jardim ou seja, se tiverem sido bem sucedido na vida de jardim com certeza valorizam mais a escola do seu filho;
- ❖ Se o relacionamento com o pessoal do jardim for positivo, é mais fácil aceitar as iniciativas;
- ❖ Se as crianças sentem satisfeitos, em geral, os pais se sentem da mesma maneira;
- ❖ As observações das actividades do jardim possibilitam uma maior compreensão do que o jardim vem fazendo;
- ❖ Comunicações escritas do jardim é considerada uma iniciativa louvável, pois, coloca os pais a par do desenvolvimento de seu filho.”

Indo na mesma perspectiva, Lima (2002), acredita-se que no jardim deve haver um serviço permanente de intercâmbio com a comunidade, com os pais e encarregados de educação, nesse intercâmbio constante incluí-los em todas actividades do jardim.

1.4. Participação e envolvimento dos educadores no jardim-de-infância

A participação é uma forma de cidadania e é entendida como “a capacidade de colaboração activa dos actores na planificação, direcção, avaliação, controlo e desenvolvimento dos processos sociais e organizacionais.” (Diogo, 1998:67).

Marques (1991), diferencia participação de envolvimento, no sentido de entender a correlação existente entre ambas, mostrando que a participação dos pais no jardim-de-infância, na escola abrangem apenas as formas mais actantes de colaboração dos pais na vida dos estabelecimentos de ensino, incluindo a participação e a influência na tomada de decisões enquanto o envolvimento parental é constituído por todas as formas de colaboração dos pais no processo educativo dos filhos, incluindo a ajuda no trabalho de casa, o trabalho voluntário no jardim e a comunicação com os monitores.

Neste sentido o papel do educador de infância/monitor, não deixa de ser importante neste processo. Ele deverá facilitar o contacto com a família.

Segundo Spodek & Saracho (1998), Existem grandes variações nos padrões de participação dos pais. Por exemplo, alguns pais se relacionam com o programa como um todo, enquanto outros somente com a equipe.

Os educadores devem ainda supervisionar os pais que participam do programa, acompanhando seu comportamento e fazendo registros para serem usados em reuniões posteriores (Spodek & Saracho, 1998).

“Pais e professores devem revisar periodicamente o trabalho que ambos têm feito, e estes devem dar apoio e estímulo, bem como críticas e conselhos cuidadosos para o aperfeiçoamento das práticas”(op cit, 1987:171).

Na perspectiva do Marques (1991), podemos entender que o envolvimento exige a participação do cidadão numa determinada acção, pois, diz respeito a uma interacção entre o jardim/escola e a família. Envolver na vida da jardim/escola a família, é sentir integrado nessa organização, dinamizando algumas actividades para o progresso da mesma.

Epistein (s/d) citado por Marques (2000), apresenta a ideia de envolvimento parental como formas de relacionamento entre o jardim-de-infância, os pais, e encarregados de educação que não exigem a participação na tomada de decisões. No envolvimento tem de existir a troca de informações e apoios entre o jardim e as famílias.

Realçamos que o envolvimento dos pais deve ser visto amplamente, como uma gama de alternativas, entre as quais eles mesmos devem julgar qual a mais apropriada.

Peterson (1987), citado por Spodek & Saracho, (1998:167) “oferecem uma definição funcional para o envolvimento dos pais: o envolvimento dos pais denota um processo através do qual eles são postos em contacto com: a) equipe responsável por atender a criança e os pais com o propósito de fazer intervenções pedagógicas, b) actividades que envolvem a criança, criadas para informar os pais e facilitar seu papel junto a seus filhos.”

Os elementos essenciais sobre os quais este processo de envolvimento deve ser construído incluem:

Flexibilidade, para permitir mudanças nos níveis e tipos de envolvimento parental com o passar do tempo;

Individualização, para adequar o estilo e o grau de envolvimento às necessidades dos pais, das crianças e dos programas;

Opções, para oferecer aos pais o direito de escolha, de forma a alcançar resultados significativos e construtivos.

1.5. Educação

Face aos múltiplos desafios do futuro, a educação surge como um trunfo indispensável à humanidade na sua construção dos ideais da paz, da liberdade e da justiça social.

A educação é, também, um grito de amor à infância e à juventude, que devemos acolher nas nossas sociedades, dando-lhes o espaço que lhes cabe no sistema educativo, sem dúvida, mas também na família, na comunidade de base, na nação. Mas então o que significa o termo “educação”?

A palavra educação tem sido muitas vezes empregada em sentido demasiadamente amplo, para designar o conjunto de influências que, sobre a nossa inteligência ou sobre a nossa vontade, exercem os outros homens, ou, em seu conjunto, realiza a natureza...

Na perspectiva de Jaques Delors (1996), o conceito de educação ao longo de toda a vida aparece, pois, como uma das chaves de acesso ao século XXI. Ultrapassa a distinção tradicional entre educação inicial e educação permanente. Vem dar resposta ao desafio dum mundo em rápida transformação.

Um dos principais papéis reservados á educação consiste, antes de mais em dotar a humanidade da capacidade de dominar o seu próprio desenvolvimento.

É esta experiência enriquecedora que se deve poder partilhar, criando no jardim um espaço de debate para toda a comunidade educativa, no sentido de retirar desse debate todo um conjunto de ideias e experiências motivadoras de colaboração com o meio, incentivar a mudança. Nesta perspectiva defende que “È pois fundamental, que a educação se organize à volta de quatro pilares fundamentais que durante toda a vida, serão de algum modo para cada indivíduo, os pilares do conhecimento: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver juntos e aprender a ser.” Delors (1996:77)

1.5.1.Tipos de educação

1.5.1.1.Educação formal

De acordo com Gaspar (s/d), a educação, entendida como um processo de desenvolvimento da capacidade intelectual da criança e do ser humano, tem um significado tão amplo e abrangente que, em geral, prescinde de adjectivos. É um processo único, associado quase sempre à escola. No entanto, para que esse processo e a discussão que dele apresentamos sejam melhor compreendidos, algumas distinções ou adjectivações devem ser feitas. A educação com reconhecimento oficial, oferecida nas escolas em cursos com níveis, graus, programas, currículos e diplomas, costuma ser chamada de *educação formal*. É uma instituição muito antiga, cuja origem está ligada ao desenvolvimento de nossa civilização e ao acervo de conhecimentos por ela gerados.

1.5.1.2.Educação não-formal e informal

Embora a escola, seja sem dúvida, a instituição pedagógica mais importante, não podemos esquecer que ela ocupa apenas um sector do universo educacional, e por isso devemos ter em conta o outro lado da educação que resulta de um conjunto de resultados educativos que adquirimos através da rotina diária comum, neste caso da educação informal, e por outro lado,

aquele sector heterogéneo, múltiplo e diverso, ou seja, ao que se dá o nome de educação não-formal. (Trilla-Bernet, 2003).

Segundo Brandão (1985), a educação informal é definida como sendo aquela que está relacionada com o processo “livre” ou seja, não institucionalizado, de transmissão de saberes, como por exemplo a fala em comum num determinado grupo, as tradições culturais e os demais comportamentos característicos de diversas comunidades presentes em uma sociedade. Enquanto que Furter (1978), define-a como uma educação extra-escolar.

De acordo com Afonso (1992), a educação informal ocorre nos espaços de possibilidades educativas no decorrer da vida das pessoas, como por exemplo a família, tendo contudo um carácter contínuo.

A família existe em todos nós, e cada um tem uma experiência diferente do que foi e do que é viver na família.

A família ou o lar é a primeira escola da criança, mas quando o meio familiar falha ou é deficiente incube o jardim manter vivas ou mesmo fornecer, as potencialidades de aprendizagem.

A aprendizagem dos mais pequenos está muito enraizada na sua vida quotidiana, nas suas experiências e vivências. Durante os anos que antecedem a escolaridade obrigatória, a aprendizagem das crianças mistura-se e confunde-se com as suas experiências, pelo que tudo o que fazem e vivem fora do centro escolar tem tanta importância educativa como o que fazem no seu interior. “Os educadores estão conscientes deste facto, sabendo que a sua actuação com as crianças deve estar ligada às suas vivências fora do recinto escolar, de modo a assegurar a personalização das crianças e para que as experiências educativas tenham continuidade nas experiências familiares e sociais.” (Fontao, 2000: 167, citado por Correia e Serrano 2000). Ainda na perspectiva de Liarte (s/d), O desenvolvimento da criança depende dos estímulos que recebe e da sua adaptação ao meio que a rodeia.

A educação pré-escolar é uma fonte importante de aprendizagem, a outra é a vida familiar. O lar oferece múltiplas possibilidades para que a criança desenvolva a sua autonomia e a sua imaginação.

Os adultos devem transmitir à criança a sua satisfação pelo trabalho feito, mesmo que tenha sido efectuado com pouca habilidade e com um ou outro descuido. Com o tempo irá melhorando ao mesmo tempo que poderá satisfazer o desejo de conhecer a suas próprias possibilidades. No entanto, convém explicar-lhe, com cuidado, com paciência, o que pode fazer e o que não pode fazer, que há objectos. (op cit, 2000).

1.5.1.3. A influência dos pais no desenvolvimento e educação das crianças

De acordo com Chaves (2002:761) citado por Spodek (2002), “as interacções dos pais com os filhos são influenciadas por uma multiplicidade de factores sobrepostos, entre eles o comportamento e características dos filhos, os juízos dos pais sobre os objectivos da socialização, as suas convicções, valores e modelos internos de funcionamento enquanto pai e enquanto mãe, o contexto familiar e social e o comportamento das outras pessoas nesse contexto”.

Os modelos de educação para pais, de atendimento e de apoio à família são exemplos de sistemas formais dentro do contexto familiar que procuram, e muitas vezes conseguem, exercer uma influência significativa no modo como os pais interagem com os filhos pequenos. Os pais, ajudados também pelos educadores de infância, devem educar a criança, para que tenha um comportamento socialmente adequado, incluindo noções de higiene, de moral e de religião. Contudo, cabe aos pais proporcionar ao filho oportunidades de se desenvolver socialmente ao se relacionar com eles, com os familiares, com os professores e outras crianças e adultos, para que a criança aprenda a participar de todas as actividades adquirindo responsabilidade e equilíbrio emocional. À medida que a criança vai adquirindo mais recursos, espera-se que os cuidados dos pais estejam diminuindo, gradualmente, o que dará lugar á caminhada da criança para a autonomia. (op cit, 2002).

Os pais devem, efectivamente, ter uma presença forte nos estabelecimentos do domínio de ensino, até porque, estes também exercem uma influência poderosa sobre o que se passa nos lares, em inúmeras e importantes esferas. (Geremek, 1996).

Segundo Formosinho & al (2003), a pergunta sobre o que deve ser a educação pré-escolar não pode ser objecto de uma única resposta, completa e definitiva. As finalidades da educação pré-escolar que se estabelecem dependem daquilo que se pensa ser o mundo, o homem, a vida, a natureza, a criança, a aprendizagem e o desenvolvimento, mas dependem também do momento histórico e do contexto social e cultural em que a questão está a ser colocada. Partindo desta linha de pensamento passaremos a definir a educação pré-escolar.

1.6. A educação no jardim-de-infância

Neste mundo de mutações, devemos entender o jardim-de-infância como uma organização indispensável ao indivíduo aos tempos modernos como forma de enriquecimento das experiências de socialização e da dinâmica das relações interpessoais. Um grupo artificial

e formal com rotinas e procedimentos bem explícitos. É uma instituição social onde se realiza por excelência o acto educativo na sua forma mais formal.

O jardim-de-infância deve proporcionar à criança meios de expressar livremente sua experiência no convívio com a educadora e os colegas, na dramatização espontânea, nas artes manuais e na música. Neste brinquedo livre, a capacidade crescente incentiva a escolha de actividades cada vez mais complexas. O trabalho do professor consiste em dar à criança apoio afectivo e em proporcionar riqueza de experiências, que aos poucos alargam o âmbito dos conhecimentos infantis.

O jardim-de-infância não pode nem deve substituir o lar. A rádio, a televisão, os jornais, as revistas, as clínicas psicológicas, os cursos de divulgação poderiam auxiliar os pais na educação da criança no lar. (Martinho, 1967).

A creche, e os centros de educação infantil são instituições educativas destinadas a promover o desenvolvimento integral das crianças até seis anos de idade. São espaços de formação também para os integrantes da equipe responsável e para as famílias (Indicadores da Qualidade na Educação Infantil, 2009).

A “escola infantil,” criada em 1816 por Robert Owen numa cidade manufactureira da Escócia, foi uma instituição que teve uma influência muito mais alargada. Owen preocupava-se com as condições de vida e de trabalho dos seus empregados, alguns dos quais tinham apenas 6 anos. Iniciou várias reformas sociais, incluindo a subida da idade mínima para trabalhar para os 10 anos, o fornecimento de bens a preços inferiores aos praticados e melhores condições de habitação para os seus empregados. (Spodek e Brown, 1996).

O objectivo desta escola era preparar as crianças para o novo tipo de sociedade que Owen preconizava.

Em 1873, foi criado na Alemanha por Friedrich Froebel o “Jardim-de-infância.” Tendo concebido o seu programa muito antes da existência de qualquer estudo científico sobre o desenvolvimento da criança. Froebel tinha uma visão única sobre a natureza da infância, a natureza do conhecimento e os objectivos que a educação devia servir que lhe permitiu dar um enorme contributo, ainda hoje reconhecido, a este campo.

As ideias de Froebel acerca da educação reflectiam a sua convicção de que a escola devia estimular o desenvolvimento natural da criança pequena.

Ele considerava as crianças como flores num jardim, que floresceriam se devidamente tratadas.

Maria Montessori era médica em 1904 e começou por trabalhar com crianças em deficientes mentais. Posteriormente, aplicou o que tinha aprendido no trabalho com estas crianças à educação de crianças normais na sua escola, a “Casa de Bambini,” num bairro operário de Roma.

Montessori tinha um grande respeito pelas crianças pequenas, considerando que elas tinham a capacidade de influenciar o seu próprio desenvolvimento, que evoluía a partir de dentro.

Tal como Froebel, Montessori acreditava que o desenvolvimento da criança decorria naturalmente.

Outro programa para a primeira infância, desenvolvido no início do século XX, foi o infantário. Margaret McMillan, de parceria com a sua irmã Rachel, fundou o primeiro infantário, num bairro de lata londrino, em 1911. (Spodek e Brown, 1996).

Ela preocupava-se com as condições insalubres em que viviam as crianças.

No infantário, valorizava-se a criatividade, o desenvolvimento da imaginação e a componente lúdica. McMillan considerava que era importante ensinar as crianças pobres a resolverem problemas e a encontrarem soluções criativas, para que um dia pudessem vir a atingir posições de liderança. (op cit, 1996).

A “escola infantil” de Owen o “jardim-de-infância” de Froebel a “Casa dei Bambini” de Montessori e o “ infantário” de McMillan tiveram um impacto muito importante no campo da educação para a primeira infância (Spodek e Brown, 1996).

John Amos Comeunis, Johan Heiririch Pestalozzi e Friedrich Froebel acreditavam na importância do papel da mãe na educação das crianças e dos jovens. A importância que os primeiros educadores de jardim-de-infância davam ao envolvimento das mães na educação das crianças afectou significativamente a educação americana.

Cabo Verde, sem excepção, vem acompanhando esse movimento de massa de consciencialização sobre os efeitos benéficos de uma educação precoce. A educação em Cabo Verde tem vindo a evoluir de forma satisfatória, no entanto, existem sempre constrangimentos e obstáculos que levam as diversas estagnações e dificuldades no desenvolvimento desta: as condições gerais de acesso a determinados bens e serviços, as insuficiências, lacunas e inadequação de mecanismos de aplicação da legislação concernentes aos menores, pobreza estrutural do país, ausência de uma política para o sector de Educação Infância, a inexistência de uma estrutura coordenadora desta, a falta de articulação entre as instituições, o fraco nível de participação das famílias e comunidades.

A educação de infância em Cabo Verde, designada por pequena infância, abrange a faixa etária dos 0 aos 8 anos, correspondente a 3 períodos importantes:

1. Período dos 0 aos 3 anos, período decisivo para o desenvolvimento da crianças em que a dimensão Sobrevivência tem de ser particularmente vigiada, sem descurar a dimensão Despertar, negligenciada entre outro;
2. Período dos 3 aos 6 anos, período correspondente à entrada no ensino pré-escolar em que as duas dimensões citada anteriormente devem desenvolver-se harmoniosamente e de forma articulada;

Falando um pouco do segundo período, corresponde ao ensino pré-escolar, o Sistema Educativo de Cabo Verde reconhece a necessidade de protecção à infância, relevando a importância da educação pré-escolar, no desenvolvimento da personalidade considerada em todos os seus aspectos. Assim, os responsáveis da educação integram a educação pré-escolar no sistema educativo, destinada às crianças com idades compreendidas entre os três anos e a idade de ingresso no ensino básico. (MEVRH, s/d).

A educação pré-escolar enquadra-se nos objectivos de protecção da infância, consubstancia-se num conjunto de acções articuladas com a família, visando por um lado o desenvolvimento da criança e por outro a sua preparação para o ingresso no sistema básico.

Ainda a educação pré-escolar tem como função principal promover o desenvolvimento integral da criança e propiciar o sucesso de aprendizagem, desenvolvendo-se num conjunto de acções articuladas com a família e a comunidade.

A educação pré-escolar realiza-se em jardins-de-infância reconhecidas oficialmente para o efeito.

A educação pré-escolar organiza-se em 1,2 ou 3 anos de duração, de acordo com a entrada das crianças nos jardins-de-infância.

De acordo com o artigo 3^a, do decreto – Lei n.º 4/2001, (B.O. 2001) os objectivos da educação pré-escolar são:

- Apoiar o desenvolvimento equilibrado das potencialidades da criança;
- Possibilitar à criança a observação do meio que a cerca;
- Contribuir para a estabilidade e segurança afectiva da criança;
- Facilitar o processo de socialização da criança;
- Favorecer a revelação de características específicas da criança;

Com o reconhecimento da articulação da educação pré-escolar com o ensino básico, torna-se necessário colocar nas Delegações do Ministério da Educação, nos Jardins-de-infância, pessoas capacitadas ou seja formadas nesta área do pré-escolar, o qual garante o acompanhamento do desenvolvimento e a evolução do pré-escolar.

- 3 Período dos 6 aos 8 anos, corresponde à primeira fase do ensino básico, correspondente a um período de adaptação, seja para as crianças que saíram do pré-escolar, para reforço dos conhecimentos, seja para as que não tiveram essa oportunidade e que beneficiando de acções integradas, poderão usufruir de maiores possibilidades de sucesso. (MEVRH, s/d).

1.7. Enquadramento legal da educação do pré-escolar

De acordo com a Lei de Bases do Sistema Educativo, Lei nº 103/III/90, no artigo 4ª Ainda o ponto 1º. Diz que ”A escola cabo-verdiana deve ser um centro educativo capaz de proporcionar o desenvolvimento global do educando, em ordem a fazer dele um cidadão apto a intervir criativamente na elevação do nível de vida da sociedade.

Em relação ao 2º. Ponto, o artigo n.º11, menciona em várias alíneas as tarefas da escola cabo-verdiana, e prenuncia que: “São tarefas fundamentais da escola e do processo educativo que nela se desenvolve.” (LBSE, 90).

O jardim-de-infância é considerado como um estabelecimento da educação que presta serviços orientados para o desenvolvimento e a aprendizagem da criança proporcionando-lhe actividades educativas e actividades complementares de apoio à família.

Também tivemos a preocupação de actualizar a nossa concepção sobre os direitos à educação a todos, analisando a Constituição da República de Cabo-Verde 2002.

No artigo 49º diz que:

1. Todos têm a liberdade de aprender, de educar e de ensinar.

E ainda o artigo 77º, diz o seguinte no ponto 1: “ Todos têm direito à educação”. Isso só será possível se o Estado, designadamente, garantir o direito à igualdade de oportunidades de acesso e de êxito escolar.

Também no artigo 89º, no ponto 1 realça que “Todas as crianças têm direito a especial protecção da família, da sociedade e do Estado, que lhes deverá garantir as condições

necessárias ao desenvolvimento integral das suas capacidades físicas e intelectuais e cuidados especiais em caso de doença, abandono ou de carência afectiva.”

A Instituição de educação infantil é um espaço de vivências, experiências, aprendizagens. Nela, as crianças se socializam, brincam e convivem com a diversidade humana.

No jardim-de-infância, a criança naturalmente vive, não só o dever, como a alegria da actividade social. (Indicadores da Qualidade na Educação Infantil, 2009).

1.7.1. A entrada no jardim-de-infância

Segundo Liarte (s/d), entre os três e os seis anos, a maioria das crianças são iniciadas na preparação do que mais tarde será a escola. Essa preparação é efectuada em instituições que recebem denominação diversa (jardim de infância, creche, jardim, escola) e têm o objectivo de desenvolver a personalidade da criança em todos as suas variantes (corporal, intelectual e afectiva), ao mesmo tempo que a preparam para a aprendizagem da escola primária.

Os meios pedagógicos utilizados têm presente os gostos e as necessidades da criança e a maior parte do tempo é ocupada com jogos educativos, actividades corporais e jogo livre. Todas estas actividades permitem que as crianças estabeleçam relações entre si e favorecem socialização. Evidentemente, não se deve esperar que a criança saiba ler no final da etapa pré-escolar, mas terá aprendido a interessar-se vontade de conhecer o que contam os livros. Também terá progredido no domínio da aprendizagem. Saberá pegar bem num pincel ou num lápis, reconhecer o seu nome e, talvez, também escrevê-lo.

A educação pré-escolar terá estimulado o desenvolvimento da inteligência e da curiosidade. (Liarte, s/d).

Fazer uma ligação e uma interrelação entre um jardim-de-infância e a família de forma estreita, significa construir e desenvolver comunidades nas quais poderemos satisfazer as necessidades básicas ao aspirar uma melhor qualidade de vida para as gerações futuras.

Para isso precisamos conhecer não só os princípios de convivência comunitárias como também, exercitar esses princípios por meio de relações mais frutíferas e comprometidas com o desenvolvimento educacional e social. (op cit, s/d).

“A acção da família na educação é poderosa e insubstituível. É no lar que a educação se inicia e nada tem mais influência sobre as crianças do que as conversas, as atitudes e os exemplos dos membros mais velhos da família. Formam-se, pois, no lar, os primeiros hábitos e estabelecem-se os primeiros contactos sociais. Se a família sabe educar está simplificando o

trabalho, mas se não sabe ou não o pode fazer, cabe à escola quase sempre as deficiências do lar, obtendo a colaboração da família, através de um entendimento mútuo e de uma acção conjunta.” (Marinho, 1967:71).

Entre os muitos argumentos que justificam a necessidade de colaboração entre o jardim-de-infância a família, encontramos um amplo reportório de possibilidades, que no entanto, se torna difícil transportar para a prática. Além disso, ainda há que considerar as condições reais da própria instituição escolar, tanto nas suas características físicas como na disposição dos meios humanos envolvidos nos trabalhos educacionais (equipa docente, pais, membros externos da comunidade social). (Fontao, 1996, citado por Correia e Serrano, 2000).

À margem das estruturas oficiais de participação, o tema da colaboração dos pais dentro de uma instituição é, fundamentalmente uma questão da equipa de docentes. É importante que exista uma linha comum e de consenso sobre o modo como se vão elaborar uma lista comum dos aspectos onde os vários profissionais de intervenção dos pais, com as vantagens e desvantagens constatadas em experiências anteriores, esclarecer as diversas funções que podem desempenhar, as possibilidades de progresso da relação etc.

São os progenitores que possibilitam o desenvolvimento e o crescimento da criança e que decidem o momento da sua entrada para a escola. Assim, a família constitui o meio imediato de desenvolvimento e socialização da criança sendo a escola o segundo contexto de referência mais importante. O primeiro encontro ocorre no momento em que os pais se dirigem à escola para matricular o seu filho, momento que, bem planificado pode permitir que os pais conheçam o centro, as instalações e o responsável pela realização do trabalho educativo. (Fontao, 1996, citado por Correia e Serrano, 2000).

Na Perspectiva de Anends (1995), os pais são elementos importantes na organização escolar, com os quais os professores principiantes vão querer estabelecer relações positivas. As interacções educadoras de infância- pais podem assumir várias formas, incluindo para os pais, reuniões de pais e solicitar a ajuda destes para auxiliarem na escola e em casa.

Relatórios para os pais – convém lembrar que os pais de crianças de qualquer idade gostam de saber como é que os seus filhos estão a ir ao jardim.

Uma boa relação entre a família de cada criança e o jardim, principalmente ao nível da educação fundamental, é do interesse de todas as partes.

Marinho (1967:71), “defende que, os pais e os jardins têm as suas responsabilidades. Cabe a cada um incrementar os seus papéis, mas no sentido de não haver uma contraposição. A participação dos pais deve ser encarada de forma positiva porque muitas vezes alguns

monitores encaram essa participação dos pais como ameaçadora, o que favorece a sua ausência.”

Monteiro (2002), defende que: deve haver uma necessidade de mudar esta situação porque hoje em dia existe uma convicção de que a educação das crianças é a tarefa assumida pelos pais e monitores.

No jardim-de-infância, é fácil estabelecer o vínculo entre os educadores de infância, monitores/jardim e a família. Em virtude de pouca idade, as crianças dependem do auxílio e da presença das mães, o que leva pais e filhos a formarem uma unidade tão estreita como não se verificará em outra fase da vida.

Hoje em dia existe uma necessidade permanente de envolver os pais e encarregados de educação na vida do jardim no sentido de haver uma maior motivação e desenvolvimento da criança e da própria instituição escolar. Os monitores sentem-se cada vez mais a necessidade de partilhar o que fazem e de cooperar com os pais para a educação das crianças. (op, cit, 2002).

“Existe uma necessidade de dar particular atenção a todos os aspectos da educação destinada a crianças, que devem beneficiar de esforços concertados por parte de todos os educadores.” (Delors, 1995: 111).

Monteiro (2002), defende que há que haver uma necessidade de mudar esta situação porque hoje em dia existe uma convicção de que a educação das crianças e dos jovens é assumida pelos pais e professores. Pois, são necessários que se construam entre os pais e professores relações frutuosas e de cooperação para atingir um objectivo comum que é desenvolvimento integral das crianças e dos jovens.

Para que exista uma colaboração satisfatória entre o jardim e a família é necessário fazer com que o jardim seja aberta, no sentido dos pais terem a oportunidades de intervir na vida escolar, de modo que possam reduzir as desigualdades escolares.

Um dos factores que mais influem na qualidade da educação é a qualificação dos profissionais que trabalham com as crianças. Monitores bem formados, que contam com o apoio da direcção, da coordenação pedagógica e dos demais profissionais, trabalhando em equipa, reflectindo e procurando aprimorar constantemente suas práticas é um factor fundamental na construção e dignificação de instituições de educação infantil de qualidade.

1.8. Conceito de monitora/educadora de infância

A monitora/educadora de infância não deve mais ser um transmissor do conhecimento, mas transformar-se em um criador de situações estimuladoras para que a criança por si mesma descubra o conhecimento.

Para isso, é necessário que a monitora conheça ao máximo a realidade de cada um de seus alunos para que possa desenvolver e utilizar ferramentas que reduzem a desfasagem no aprendizado e o “abismo” que separa monitoras e crianças.

Na opinião da Heloísa Marinho (1967:60), a boa educadora sabe utilizar seu apoio afectivo apreciado pelas crianças para organizar ambiente de sociabilidade agradável.

O facto de a maioria das crianças seguirem com facilidade orientação educativa carinhosa e firme, auxilia muito a solução dos casos difíceis.

A educadora por um lado, proporciona à infância possibilidade de livre expansão de suas actividades em ambiente individual, necessárias à saúde e à vida em comum. Devem os educadores escolher com o devido cuidado limites essenciais:

- a) Muitas exigências confundem a criança, ou provocam a revolta;
- b) A repreensão constante também pode ter como consequência o desânimo ou a indiferença;
- c) Hábitos bem formados tornam desnecessárias ordens contínuas da mestra. As crianças aprendem a se dirigir-se por si mesmas.

Por isso que a referida autora continua a defender que uma educadora deve:

- a) Dar instruções positivas e evitar o mais possível a sugestão negativa das proibições;
- b) Facilitar a sociabilidade e evitar atritos pela organização simples e coerente das actividades, uma vez que a criança facilmente se adapta a regras sistematicamente seguidas no convívio diário;
- c) Atender com igual solicitude a todas as crianças. O carinho justamente dispensado é fundamental à formação da personalidade infantil.

1.9. O papel dos educadores de infância/monitores

A atitude do educador, a forma como se relaciona com as crianças, desempenha um papel fundamental neste processo.

A participação de cada criança e do grupo no processo educativo através de oportunidades de cooperação, decisão em comum de regras colectivas indispensáveis à vida social. (MEVRH, s/d).

Na perspectiva de Mauco (1975) muitos aspectos do PAPEL DOS EDUCADORES são claros e simples. Por exemplo: é claro que os professores/ os educadores devem ensinar o conteúdo

escolar aos alunos e avaliar o progresso dos seus alunos. No entanto, outros elementos do papel dos professores não são assim tão claros e por vezes até fornecem expectativas contraditórias.

Uma das contradições mais básicas no papel dos professores deriva das fortes expectativas de que os professores devem tratar cada criança como um indivíduo, mesmo que as escolas estejam organizadas de modo a que os professores tenham de lidar com os alunos em grupos.

Uma segunda contradição básica no papel do professor envolve o grau de distância entre o professor e os alunos.

Será igualmente útil conhecer os pais da criança, o seu carácter e as particularidades do clima familiar em que ela vive.

Estes conhecimentos hão-de facilitar-lhe a compreensão das dificuldades do aluno.

É necessário conhecer o pensamento do aluno, levando em consideração o seu desenvolvimento cognitivo, verificar o que a criança já sabe e como ela raciocina, a fim de ser capaz de sugerir actividades e fazer perguntas no momento certo, para que a criança possa desenvolver o seu próprio conhecimento.

Deve, ainda, ser questionador, conhecer como se encaminha o desenvolvimento da criança, quais as etapas evolutivas e de que forma se estrutura seu pensamento.

É importante que os pais valorizem os trabalhos dos monitores enquanto agente educativo, responsável por um grupo de crianças, acreditando nas suas qualidades humanas e técnicas, em vez de evidenciarem com mais frequência e relevância, os aspectos negativos.

A educação dos monitores ou dos professores de jardim-de-infância não termina nunca. Ela ama as crianças. Qual mãe carinhosa, vive para o seu trabalho. A alegria das crianças é sua alegria.

1.10. Algumas atitudes que os educadores de infância devem ter em conta nos contactos com a família/ pais:

- ✓ Sinceridade: Deve dizer o que pensa, pois se as ideias do educador são importantes, as dos pais também o são;
- ✓ Ouvir Cuidadosamente: Deve procurar escutar os pais, mesmo discordando do que dizem, deve tentar compreender os motivos que os levam a fazer determinada afirmação;
- ✓ Não deve interromper: os pais têm sempre algo interessante a dizer;

- ✓ Não deve deixar monopolizar: há pais que têm tendência para monopolizar as reuniões, por isso deve-se encontrar estratégias para que isso não aconteça;
- ✓ O educador não deve fugir da discussão: se não entender alguma coisa, não deve ficar indiferente, deve formular as suas ideias e estar aberto às dúvidas dos outros;
- ✓ Se discordar de alguma coisa, deve dizer: mas deve fazê-lo com muita naturalidade, com bom humor;
- ✓ Não deve adiar observações: falar assim que sentir necessidade de esclarecer algum ponto;
- ✓ Deve favorecer a participação: chamar os pais ao diálogo, sobretudo aqueles que por alguma razão menos participam;
- ✓ Estruturar o espaço de modo a facilitar o diálogo: ou seja a forma como dispõe o espaço pode favorecer melhor o diálogo;

Capítulo II – Fundamentação Metodológica

2.1. Abordagem da pesquisa

Uma vez decidido e definido o tema e especificados os objectivos, estaremos em condições de considerar a forma de recolha de informação para este estudo.

Nenhuma abordagem depende unicamente de um método, da mesma forma que não exclui determinado método apenas porque é considerado “quantitativo” ou “qualitativo” ou designado por “estudo de caso,” “ investigação acção,” etc.

“Há que seleccionar métodos porque são estes que fornecem a informação de que necessitamos para fazer uma pesquisa integral. Há que decidir quais os métodos que melhor servem determinados fins e, depois, conceber os instrumentos de recolha de informação mais apropriados para o fazer.” (Bell, 1993: 95).

Para a elaboração deste trabalho de pesquisa escolhemos a análise qualitativa e análise quantitativa; a abordagem metodológica desta pesquisa é um estudo de caso dos Jardins-de-infância Sol D’ Infância e de Flores da Suíça, conforme os instrumentos de recolha de dados nos afirmam.

2.2. Estudo de caso

Segundo Diogo (1998: 95), o “estudo de caso é uma estratégia de investigação que tem por objectivo analisar uma situação autêntica na sua complexidade.”

Yin citado por Diogo (1998: 96), afirma que a investigação qualitativa é um, método de investigação que permite um estudo holístico e significativo de um fenómeno contemporâneo no seio de um contexto real, quando as fronteiras entre o fenómeno e o contexto não são claramente evidentes e nos quais são utilizados mais fontes de informação.

2.3. Procedimentos:

Os dados foram recolhidos através das técnicas acima mencionadas. Para a aplicação destas técnicas foram seguidos os seguintes passos:

Para a obtenção das informações pertinentes à elaboração do assunto proposto realizamos várias actividades tais como: actividade envolvendo os pais e as crianças em casa, palestras sobre violência doméstica, tarde cultural etc, com o objectivo de aproximar os pais do jardim-de-infância. No fim destas actividades aproveitamos a presença dos pais e encarregados de educação e das monitoras para aplicação do questionário.

Relativamente ao outro instrumento (entrevista), aplicada às coordenadoras dos Jardins Flores da Suíça e Sol D’ Infância, foram informadas da pertinência das suas participações sobre a temática em estudo.

E de igual modo foram desenvolvidas no jardim Flores da Suíça durante 5 (cinco) semanas actividades sob um universo de 15 (quinze) pais e encarregados de educação com as suas respectivas crianças, com objectivo de promover interrelação entre pais e educadores na educação das crianças, e maior participação dos pais e encarregados de educação nas actividades no jardim e não só.

As mesmas foram desenvolvidas e trabalhadas em 5 (cincos) semanas e o tempo gasto para caracterização do grupo (monitora e pais e encarregados de educação e as crianças), algumas questões pertinentes para o nosso trabalho foram tratados incluindo realização das actividades, num total de aproximadamente 3 (três) horas por dia e para finalizarmos fizemos algumas considerações finais.

Na primeira semana, caracterizamos o grupo, conhecendo a situação do mesmo no sentido de identificar os pontos fortes e fracos do grupo e fizemos também nessa semana a calendarização, no sentido de haver um controlo benéfico para que houvesse maior interrelação entre pais e educadores em prol da educação das crianças.

Na segunda, terceira e quarta semanas foram realizadas actividades que foram preparadas com antecedência e seleccionadas com muito cuidado, em função dos pais e encarregados de educação do jardim mencionados anteriormente. Durante esses períodos foram realizadas diversas actividades tais como: pintura, recorte e colagem, dobragem, leitura e contagem história, jogos e poesias.

Na quinta semana concluímos as actividades programadas para o nosso trabalho e tendo sido feitas algumas considerações e sugestões de melhoria, tais como: que o jardim deve procurar dialogar com os pais e encarregados de educação mais vezes, a fim de os informar da situação das suas crianças, as monitoras devem estar sempre dispostas a envolver os pais e

encarregados de educação na sala de aula, os pais e encarregados de educação deverão ser convidados para fazerem palestras sobre temas que têm conhecimento; o jardim deve continuar a investir nos trabalhos de casa com os pais e encarregados de educação e entre outras, para que haja maior relação entre pais e encarregados de educação com as educadoras. Como suporte para estas actividades utilizamos materiais diversos como: papel A4, lápis de carvão e de cores, tesoura, cola, e figuras etc. É de salientar que as actividades foram feitas pelos pais e encarregados de educação e as suas crianças em casa, pois a maioria dos pais não tem muito tempo para se deslocar ao jardim; e usamos essa estratégia com intuito de conquistar maior interrelação e participação dos pais e encarregados de educação no acompanhamento das crianças, tendo havido muita dedicação por parte da monitora em encaixar esses pais e encarregados de educação nas actividades.

As referidas actividades foram bem aceites pela monitora, pelos pais e encarregados de educação e houve interesses das crianças nas actividades. Por conseguinte, também houve muito envolvimento dos pais e encarregados de educação nas actividades, e isso foi muito importante para concluir o nosso trabalho e superar a nossa expectativa.

No decorrer dessas semanas envolvemos activamente nas actividades e isso foi benéfico para o nosso estudo e percebemos que os pais e encarregados de educação preocupavam-se em fazer tudo que é pedido e esses trabalhos foram entregues por eles e anexados nos trabalhos das crianças no jardim, e notámos também que dentre eles, alguns pais e encarregados de educação não possuíam materiais para realização das actividades e preocupavam-se em adquirir esses materiais, que foram de grande valia para o nosso trabalho.

Ainda optámos em trabalhar temas que o jardim estava a trabalhar (Animais), orientámos o nosso trabalho com planos semanais da monitora e isso serviu como uma bússola. Durante o nosso trabalho notámos também que as crianças que participaram nas actividades, estavam mais bem preparadas e aptas na realização de actividades propostas pela monitora, em detrimento daquelas que não participavam.

Por isso concordamos com Spodek e Saracho (1998) afirmando que definitivamente, há benefícios no envolvimento dos pais nas actividades no jardim e estes podem representar uma fonte de talentos, muitas vezes inexplorados.

E por último, na quinta semana, terminamos o nosso trabalho no jardim, mas no entanto propusemos ao (jardim/monitora) que continue com esses tipos de actividades e que incentive cada vez mais os pais e encarregados de educação na educação dos seus filhos e não só.

2.4. Técnicas de recolha de dados

O trabalho prático foi desenvolvido com alguns actores educativos da comunidade educativa, onde os dados foram recolhidos através das **observações** realizadas nos Jardins “Sol D’ Infância, e Flores da Suíça” passando a conhecer melhor os referidos jardins e de forma particular os pais e as educadoras do mesmo que serão alvo principal da nossa pesquisa; utilizamos **inquéritos por questionários**, destinados aos pais e às educadoras a fim de colectarmos dados que demonstram a percepção da relação entre o jardim e a família nos jardins Sol D’ Infância e Flores da Suíça; foi também utilizado **inquéritos por entrevistas** aplicado á coordenadora dos Jardins. Fez-se igualmente **análise de alguns documentos** considerados relevantes para a nossa pesquisa.

2.4. 1. A Observação participante

A observação participante é praticada por aqueles que procuram viver no todo ou em parte a experiência dos grupos que estudam, de forma a chegar a uma visão interna da vida do grupo. “A observação participante implica, pois, que o observador se misture, mais ou menos, na vida do grupo, que se insira nas suas actividades”. (Fernandes, 1995: 177).

A observação é um instrumento utilizado para recolher informação de forma directa, pois o pesquisador está inserido no meio que quer conhecer. Com a investigação foi realizada no meio em que realizamos o nosso estágio, tivemos a oportunidade de observar in locus toda a dinâmica do jardim na sua relação com a família e os pais e encarregados de educação das crianças do jardim em estudo.

Sendo assim, ao longo do período de observação participante fomos registando, de forma descritiva e reflexiva, o que foi considerado como relevante, tendo sido seguido um estudo progressivo, a fim de analisar o processo de interrelações dos pais e dos educadores na educação das crianças no pré-escolar.

2.4.2. Inquéritos por questionários

É de salientar que o que nos levará a aplicar o inquérito por questionário é o facto de este ser aplicável a unidades sociais, tomando todas as dimensões da estrutura social, como o sexo, a classe social, a idade, como características pessoais dos indivíduos. Os padrões de atitude e comportamento serão tratados de modo semelhante e não como modos de inserção numa determinada situação hierarquizada. (Fernandes, 1995: 172).

A elaboração do questionário deve revestir-se de certos cuidados, de modo que este traduza fielmente as opiniões das pessoas interrogadas e as perguntas postas dêem às pessoas a oportunidade de exprimirem as atitudes e opiniões que são relevantes na explicação dos seus comportamentos efectivos. Assim, a natureza das perguntas, a sua forma de redacção, a ordem da sua sucessão têm grande importância para os resultados da sondagem. (op.cit. 1995).

Os questionários destinados aos pais e encarregados de educação e aos educadores foram anónimos e constituídos essencialmente por perguntas abertas para que os inquiridos pudessem sentir-se livres para expressarem as suas opiniões.

2.4.3. Inquéritos por entrevistas

“A grande vantagem da entrevista é a sua adaptabilidade. Um entrevistador habilidoso consegue explorar determinadas ideias, testar respostas, investigar motivos e sentimentos, coisas que o inquirido nunca poderá fazer. A forma como determinada resposta é dada (o tom de voz, a expressão facial, a hesitação, etc.) pode transmitir informações que uma resposta escrita nunca revelaria. As respostas a questionários devem ser tomadas pelo seu valor facial, mas uma resposta numa entrevista pode ser desenvolvida e clarificada.” (Bell, 1993:147).

Para um melhor desenvolvimento do nosso trabalho, foi necessário recorrermos à técnica de entrevista de forma a recolhermos outras informações. Assim sendo, entrevistamos a coordenadora do jardim para conhecer a sua percepção sobre a temática em estudo.

Escolhemos ainda para este estudo, entrevistas semi-estruturadas na medida em que esta, permite ao entrevistador as seguintes abordagens: o entrevistador elabora previamente um guião de entrevistas do qual constam o conjunto de temas a abordar e questões abertas referentes a cada tema.

O entrevistador elabora previamente um guião de entrevistas do qual constam o conjunto de temas a abordar e questões abertas referentes a cada tema. A ordem das questões é definida no desenrolar da entrevista, podendo ainda, acrescentar-se outras questões consideradas pertinentes. (Chambel e Curral, 1994:37).

Estas técnicas de recolha de informações nos permitem, de acordo com os autores acima citados, uma maior estruturação não só na recolha de dados como também na própria análise dos mesmos, daí a sua eventual utilização.

Paralelamente ao inquérito por questionário ou entrevista semi-estruturada e a observação directa, efectuaremos pesquisas nas principais bibliotecas da Ilha de Santiago, em alguns sites

na Internet e ainda nos arquivos da “Fundação Infância Feliz,” situada na Fazenda - Praia e Flores da Suíça, situada em Palmarejo- Monte Vermelho.

2.4.4. A análise dos documentos

Segundo Fernandes, (1995:182). “Não é suficiente ler um documento para extrair dele toda a sua substância. Em muitos casos, a leitura deve ser feita segundo regras precisas que permitem fixar o valor do documento, o seu grau de veracidade, o seu sentido exacto e o seu verdadeiro alcance. Em outros casos, a quantidade de documentos a analisar é de tal ordem que é preciso empregar processos de análise particulares.” Assim sendo para a realização deste trabalho analisamos alguns documentos existentes no jardim, onde foram identificadas algumas das informações sobre as crianças, sobre o funcionamento da referido jardim e que no entanto serviram de suporte para a parte prática da pesquisa. Neste sentido utilizou-se neste estudo a investigação qualitativa com suporte à análise de conteúdo e a investigação quantitativa com recurso a Excel.

2.5. Amostra

A amostra é constituída por (55) cinquenta e cinco indivíduos, sendo (9) nove monitoras (totalidade das monitoras dos jardins Sol D’ Infância e Flores da Suíça), (44) quarenta e quatro pais e encarregados de educação, e (2) duas coordenadoras que compõem os jardins supra citados. Ainda, convém realçar que a amostra para este estudo é do tipo aleatório.

2.5.1. Caracterização das crianças do jardim “Sol D’ Infância”

As crianças que fazem parte da Fundação Infância Feliz – “Jardim Sol D’ Infância,” tem a idade compreendida entre os 2 a 5 anos, são provenientes de famílias com um nível académico muito baixo e vivem em condições económicas desfavorecidas.

O rácio das crianças que frequentam o jardim no período da tarde que estivemos a acompanhar é de 36, numa faixa etária que varia entre de 2 a 4 anos de idade.

O referido jardim funciona regularmente, no período da tarde das 14 h às 18 h, tendo sempre a aprendizagem e o desenvolvimento integral da criança em foco.

Conta também com algum apoio da Fundação Infância Feliz e doações de outras Instituições amigas similares; O jardim concede isenção de pagamentos de propinas aos pais mais carenciados e tem boas relações tanto com a comunidade, como com os serviços centrais do Ministério de Educação.

2.5.2. Caracterização do meio em que o jardim está inserido – “Jardim Sol D’ Infância”

O Jardim Sol D’ Infância responde em termos de área pedagógica não só às crianças da Calabaceira, como também aos alunos das zonas vizinhas (Safende, Vila Nova, Ponta D’ Agua e Achadinha Cima etc.). Por causa desta realidade, o Jardim tem uma população discente maioritariamente com deficits financeiro. A população docente apresenta uma grande estabilidade, no que se refere à sua opção por este jardim, como entidade patronal.

Calabaceira é um bairro periférico da Cidade da Praia. Fica situada na zona noroeste, sendo delimitada pela ribeira de Trindade a este e pela Ribeira de Safende a norte. Também podemos dizer que confina a sul com bairros de Pensamento e Achadinha Cima e a este com os bairros de Safende e Vila Nova.

2.5.3. Infra-estruturas existentes

O bairro dispõe da rede eléctrica e telefónica, uma escola primária-EBI (ensino básico integrado), uma escola secundária, dois jardins-de-infância e um centro comunitário.

O bairro possui ainda dois chafarizes, uma fábrica de pão e uma da ração para animais, um minimercado, e algumas lojas comerciais para satisfazer as necessidades primárias da população.

Em relação a habitação, pode-se notar que algumas construções são feitas de chapas de bidão e de madeiras sem mínimas condições de habitabilidade, outras apresentam melhores aspectos com uma devida organização e estrutura interna oferecendo conforto razoável para quem nela habita.

2.5.4. Relação interpessoal entre os funcionários da instituição

A relação interpessoal entre os funcionários (coordenadora, monitoras, auxiliar da sala e auxiliar da limpeza) do jardim, é boa, os problemas de um são vistos como problemas de todos, na medida em que os problemas serão resolvidos em conjunto, os funcionários são muito solidários com os demais colegas, visto que quando um funcionário tem muita tarefa, há aquela solidariedade por parte dos colegas na execução da mesma.

Quanto ao relacionamento entre a coordenadora/funcionários, é boa; não há um distanciamento entre o funcionário e a coordenadora. É de salientar que as relações humanas, dentro e fora da instituição é muito boa.

2.5.5. Relação da instituição com a família

No que tange à relação entre o jardim e a família, é boa, tendo em conta que o jardim trabalha para o bem da família.

A família por sua vez adere sempre às actividades da instituição, mostra-se sempre disponível, interessada e está sempre atenta aos novos desafios da instituição.

A instituição tem conseguido trabalhar conjuntamente com as famílias, incentivando-as à participação na educação dos filhos, no relacionamento dentro da família e da comunidade.

2.5.6. Recursos humanos do “Sol D’ Infância”

Função a desempenhar	Ano de trabalho	Habilitações Literárias
Coordenadora	4 Anos	Licenciada em Ciências de Educação
Educadora de Infância	1 Ano	Licenciada em Educação de Infância
Educadora de Infância	1 Ano	Licenciada em Educação de Infância
Educadora de Infância	1 Ano	Licenciada em Educação de Infância
Monitora	1 Ano	4º Ano de Licenciatura em Educação de Infância
Monitora	3 Anos	8º Ano de escolaridade
Auxiliar de Limpeza	2 Anos	10º Ano de escolaridade
Guarda	2 Anos	10º Ano de escolaridade

Tabela I – Funcionários que trabalham no jardim Sol D’ Infância, seus tempos de trabalho e as suas escolarizações.

2.5.7. Recursos físicos

O espaço físico é constituído por duas salas de actividade, duas casas de banho, uma placa desportiva, um horto na parte traseira do jardim.

As salas de actividades tem boa iluminação, bom arejamento, e acolhem cerca de 33 a 35 crianças por salas, possuem mosaico, há também pinturas murais. Tanto interno como externo.

Está bem apetrechada dos materiais didácticos. Mas no entanto é preciso haver mais materiais, para poder responder as demandas das crianças, sendo que no jardim os materiais são reduzidos aos números das crianças existentes.

2.6.1. Caracterização das crianças do jardim “Flores da Suíça”

As crianças que fazem parte do “Jardim Flores da Suíça,” tem a idade compreendida entre os 1 a 5 anos, a maioria é proveniente de famílias com um nível académico muito baixo vivem em condições económicas desfavorecidas.

O rácio das crianças que frequentam o jardim no período da manhã que estivemos a acompanhar é de 36, numa faixa etária de 2 a 4 anos de idade.

2.6.2. Caracterização do meio em que o jardim está inserido – Jardim “Flores Da Suíça”

O Jardim Flores da Suíça, localiza-se no bairro de Palmarejo na área designada de Monte Vermelho, cidade da Praia, perto da loja Tânea & Eventos, e fica no meio de algumas moradias, o que dificulta a sua identificação de imediato. Contudo existe uma pintura na parede que permite a sua identificação.

A população residente nesta zona é oriunda de várias regiões do País.

É um jardim privado, administrado pela Igreja Adventista do 7º Dia, que alberga cerca de 190 crianças de todas as classes sociais, no entanto neste ano lectivo o rácio de crianças a frequentar o jardim é de 147. Para as crianças mais novas, existe um berçário.

O jardim funciona em dois períodos sem interrupção: isto é, das 8 horas às 18 horas.

Algumas crianças vêm de famílias carenciadas, que muitas vezes têm dificuldades de pagar as mensalidades referentes às propinas.

O jardim concede isenção de pagamentos de propinas aos pais mais carênciados e tem boas relações tanto com a comunidade, como com os serviços centrais da Câmara Municipal da Praia, assim sendo há 8 (oito) crianças a serem apadrinhado por pessoas da Suíça.

Contudo existem muitas crianças de classe média e alta, que levam uma vida mais tranquila. São meninos e meninas, e estão na faixa etária dos zero aos seis anos de idade.

As actividades são planificadas quinzenalmente juntamente com as monitoras e a coordenadora do jardim, e o plano diário é feito por cada monitora, seguindo sempre a temática do ministério da educação.

O jardim tem esse nome de “ Jardim Flores da Suíça,” porque foram grupos de missionários voluntários da Suíça que vieram finalizar o trabalho da construção e também doaram alguns materiais didácticos, os quais, tendo sugerido este nome, foi de pronto aceite desde então a esta parte. O jardim abriu as suas portas pela primeira vez em 12 de Maio de 1993.

A localidade de Monte Vermelho é também um dos bairros da Cidade da Praia, em que a população enfrenta vários problemas, tais como: desemprego, droga, alcoolismo, etc. Quanto

ao saneamento ainda é preciso fazer mais, pois, a maioria das suas ruas não estão ainda calçetadas, não possui água canalizada em muitas casas, algumas das quais, construídas clandestinamente, acrescido do facto de uma boa parte da população do bairro possuir também electricidade clandestina.

2.6.3. Infra-estruturas existentes

O bairro dispõe da rede eléctrica e telefónica. Ainda o bairro possui dois ciber café, um mini - mercado, e algumas lojas comerciais para satisfazer as necessidades primárias da população. Em relação a habitação, pode-se notar que há muitas construções e também vários prédios; trata-se um bairro espontâneo.

2.6.4. Relação interpessoal entre os funcionários da instituição

A relação interpessoal entre os funcionários (directora, coordenadora, monitoras, auxiliar da sala e auxiliar da limpeza etc.) do jardim, é muito boa, os problemas de um são vistos como problemas de todos, na medida em que os problemas serão resolvidos em conjunto, os funcionários são muito solidários com os demais colegas, visto que quando um funcionário tem muita tarefa. Há aquela solidariedade por parte dos colegas na execução da mesma.

Quanto ao relacionamento entre a directora /coordenadora/funcionários, é boa, não há um distanciamento entre o funcionário e a coordenadora. É de salientar que as relações humanas, dentro e fora da instituição são boas.

2.6.5. Relação da instituição com a família

No que tange à relação entre o jardim e a família, há uma relação boa entre elas, tendo em conta que a instituição trabalha para o bem da família.

A família por sua vez adere sempre às actividades da instituição, mostra-se sempre disponível, interessada e está sempre atenta aos novos desafios da instituição.

A instituição tem conseguido trabalhar lado a lado com as famílias, e incentivá-las à participação na educação dos filhos e também no relacionamento dentro da família e da comunidade.

2.6.6. Recursos humanos do jardim Flores da Suíça

Função a desempenhar	Ano de trabalho	Habilitações Literárias
Directora	9 Anos	Último ano de licenciatura em francês
Secretária	5 Anos	Licenciada em Ciências Tecnológicas
Monitora	10 Anos	12º Ano de escolaridade
Monitora	5 Anos	9º Ano de escolaridade
Monitora	4 Anos	2º Ano de licenciatura em Francês
Monitora	6 Anos	1º Ano de Licenciatura em Ciência de educação
Monitora	16 Anos	3º Ano de Licenciatura em Ciência de educação
Monitora	7 Anos	7º Ano de escolaridade
Coordenadora	5 Anos	Licenciada em Ciência de educação
Recepcionista	4 Anos	4º Ano de escolaridade
Auxiliar	7 Anos	7º Ano de escolaridade
Auxiliar	4 Anos	3º Ano em Licenciatura em ciência de Educação
Empregada de limpeza	6 Anos	4ª Classe
Guarda-nocturno	8 Anos	4ª Classe
Guarda-nocturno	4 Anos	4ª Classe
Cozinheira	3 Anos	7º Ano de escolaridade

Tabela II – Funcionários que trabalham no jardim Flores da Suíça, seus tempos de trabalho e as suas escolarizações.

2.6.7. Recursos físicos

O espaço físico é constituído por cinco salas de actividade amplas, duas casas de banho, uma cozinha, um recadação, um polivalente, uma área de lazer, um anfiteatro e uma sala de preparação para actividade no anfiteatro.

As salas de actividades são amplas, com uma boa iluminação, bom arejamento, e acolhem cerca de 33 a 35 crianças por salas, possuem mosaico, há também pinturas murais, tanto interno como externo.

Está bem apetrechada dos materiais didácticos.

Capítulo III – Análise a Discussão dos Dados

3.1. Análise da entrevista à coordenadora do jardim “Sol D’ Infância” e do jardim “Flores da Suíça”

Acreditamos que para além de ouvir as educadoras/as monitoras, os pais e encarregados de educação sobre os nossos propósitos referidos anteriormente, seria pertinente e importante para atingirmos o objectivo do nosso trabalho conhecer a percepção da coordenadora do jardim Sol D’ Infância, mais concretamente sobre a interrelação entre pais e educadores na educação das crianças no pré-escolar.

Sabemos que o jardim é uma organização onde cada interveniente tem as suas funções e tem os seus objectivos a cumprir. Mas é sobretudo um espaço de diálogo, de construção de conhecimentos e habilidades.

Assim sendo, entrevistámos a coordenadora do referido jardim que conta com 4 anos de experiência na área da coordenação deste jardim.

Procurámos saber por que é que ela escolheu trabalhar nesta área, a mesma informou-nos que, primeiramente, foi por causa da necessidade, pois naquela altura estava desempregada e posteriormente veio conciliar com a sua formação académica sendo ela licenciada em Ciências de Educação.

Na opinião da coordenadora a interrelação é todo o envolvimento da equipa; é o elo de ligação que une a criança ao jardim, aos pais e encarregados de educação, e, a comunidade e à sociedade em geral.

Ainda reforçou a sua ideia dizendo que no jardim, a interrelação entre pais e encarregados de educação com as educadoras é fraca, visto que a maioria dos pais e encarregados de educação não se mostra interessada nos problemas do jardim.

Perguntamos ainda “qual é a sua opinião sobre participação dos pais e encarregados de educação no jardim-de-infância” ao que respondeu da seguinte maneira: que existe um número reduzido de pais e encarregados de educação activos para ajudar não somente os seus filhos, mas também o próprio jardim. Ainda na opinião da coordenadora, o jardim tem realizado actividades frequentes como: palestras, tarde culturais, dias comemorativos (dos pais, das mães, das crianças etc) como forma de aproximar os pais e encarregados de educação do jardim.

De forma modesta, a coordenadora disse-nos que procura contribuir mais, envolvendo-se nas actividades e que tenta implementar mais actividades extra-curriculares, tentando resolver algumas dificuldades das crianças que não conseguem pagar a mensalidade, com a insenção de propinas e apadrinhamento, pensando que, de forma geral, a sua contribuição vem sendo útil para essas crianças.

Normalmente, e na opinião da coordenadora, como meio de comunicar com os pais e encarregados de educação, o jardim envia avisos por escrito numa folha particular e, outras vezes, pessoalmente, quando os pais levam as crianças ao jardim, visita domiciliar para contactar esses pais que na sua maioria não tem tempo para visitar o jardim. Também como meio de comunicar com os pais e encarregados de educação fazem reuniões em 15 em 15 dias ou através de actividades extra-curriculares.

A coordenadora refere que os pais e encarregados de educação na maioria estão preocupados com o desempenho do seu filho e não com os problemas, ou actividades que são realizadas no jardim. Afirmou ainda que os pais muitas vezes não participam na vida do jardim por causa do seu trabalho, falta de tempo, falta de motivação, mas afirma ela que o tempo se faz.

Acreditamos que a participação dos pais e encarregados de educação na vida do jardim, é algo extremamente importante para a criança, para o educador, para a instituição e para a formação dos próprios pais e encarregados de educação que não deveriam esperar apenas quando o jardim os chame para as actividades.

Questionamos sobre a estratégia que o jardim ou a coordenação está a desenvolver para ultrapassar essas dificuldades” a mesma nos respondeu que a estratégia que usa é primeiramente sensibilização. Sensibilizam as crianças, os pais e encarregados de educação, as famílias e também sensibilizam as educadoras. Seguidamente a visitação domiciliária,

criação de associação dos pais, atendimento individualizado, e por último envolver mais os pais e encarregados de educação na vida do jardim.

De igual modo queríamos saber da parte da coordenadora do jardim “Flores da Suíça” a sua opinião a respeito à temática, mais propriamente sobre interrelação entre pais e educadores na educação das crianças no pré-escolar, tendo em conta que a coordenadora trabalha nessa área aos 4 anos e que a sua experiência na área da coordenação é vasta.

Procuramos saber ainda por parte dela por que é que escolheu trabalhar nessa área, ficamos a saber, que, devido ao seu bom desempenho como educadora, a direcção do jardim achou por bem colocá-la como coordenadora. E segundo lugar escolheu trabalhar nessa área porque queria conciliar a sua formação (Licenciatura em Ciências de Educação) com a área da coordenação e finalmente, porque quer ganhar novas experiências no campo de educação.

Auscultada sobre a questão “o que entendes por interrelação, ela responde o seguinte: quanto ao conceito interrelação é uma sinergia, por outras palavras, quando há troca entre duas ou mais pessoas (neste caso educadora e pais) é troca de experiência, de problema, de dificuldades, de alegrias, de aspirações, etc. Para o sucesso das crianças neste caso concreto, ela resumiu em duas palavras é cooperação/parceiras e intercâmbio.

Perguntamos qual é a sua opinião quanto à participação dos pais (encarregados de educação) no jardim-de-infância, e na sua opinião foi explícita, em dizer-nos que a participação dos pais e encarregados de educação na instituição é algo muito complexo, uma vez que, os pais e encarregados de educação devem conhecer bem quais são os seus direitos e deveres e como relacionar com a instituição, neste caso, o jardim-de-infância. Mas também reforça ela que cabe ao jardim saber quais são as suas funções e como envolver os pais e encarregados de educação na sua vida.

Continuando a coordenadora disse-nos que a participação dos pais e encarregados de educação é suficiente e que no entanto precisa ser melhorada cada dia.

Normalmente, e, segundo ela, as ocasiões mais utilizadas para ela para conversar com os pais e encarregados de educação são as mais diversas, designadamente em conversas informais, por telefone, notas escritas (elaborada no computador) e através do vizinho mais próximos desses pais.

Mais ainda reforçou que o jardim está a fazer os possíveis para ir até a casa dos pais e encarregados de educação. Mesmo assim a maioria desses pais não visita o jardim espontaneamente e nem quando são convocados. É bom sublinhar que há pais que não necessitam de convocatória, que visitam o jardim regularmente.

Concernente à questão, “se o jardim-de-infância faz alguma actividade que engloba os pais e encarregados de educação e os educadores” responde que sim, sem hesitação e aponta algumas razões que foi importante para o nosso trabalho como: realização de palestras com frequência (palestras sobre violência doméstica, saúde, tipos de lanche que os pais devem escolher para os seus filhos levarem ao jardim etc), realização actividades como tarde cultural, programação em comemoração ao dia dos pais, das mães, das crianças, e destacou a intenção de realizar outras actividades de acordo com a calendarização da programação do jardim para esse ano lectivo.

A coordenadora refere que pessoalmente tem acompanhado as actividades que são desenvolvidas pelas monitoras, pais e encarregados de educação, tentando sempre envolver-se; para que não haja lacunas; quando há, em concertação com as monitoras, tenta ver soluções para o problema para que não haja repetições de erros, e venha a existir, deste modo maior interrelação entre pais e educadores.

Também queríamos saber, enquanto coordenadora, que actividade propunha para que haja maior interrelação entre pais e encarregados de educação com as monitoras na educação das crianças no pré-escolar, ela responde que propõe oficinas pedagógicas (realizadas pelos pais, pelo jardim), palestras, debates, programação especiais, reuniões, tarde culturais, passeios, programas de férias.

Relativamente à primeira questão de IV parte, do nosso guião de entrevista, que tinha com pergunta: “que tipo de dificuldades a instituição (jardim) encontra em relação as actividades que envolvam pais e encarregados de educação e educadoras no caso do Jardim Flores da Suíça em prol da educação das crianças?” a coordenadora aponta como dificuldade maior pouca ou fraca participação dos pais e encarregados de educação, principalmente dos pais do sexo masculino, (40% da participação).

Ao longo da entrevista podemos perceber que o Ministério de Educação dá pouco feedback ao jardim, pois segundo a coordenadora durante este ano lectivo não tiveram visitas de nenhuma

equipa pedagógica do pré-escolar no jardim, apesar do jardim ter participação regular (coordenadora e monitoras) nos encontros realizados por técnicos de Ministério de Educação.

Chegando ao fim da nossa entrevista, perguntamos qual seria a estratégia desenvolvida pelo jardim para ultrapassar as dificuldades mencionadas anteriormente, ao que a coordenadora apontou “trabalhar” com mais empenho e dedicação envolvendo as monitoras, directora, e toda os intervenientes do jardim e dar ênfase ao envolvimento de pais e encarregados de educação nas actividades do jardim e não só, reforçou a coordenadora entrevistada que almeja qualidade na educação, requerer união, e boa vontade de todos, em consequência das quais, as crianças sairão a ganhar e teremos bons cidadãos e crianças com futuro.

Durante a entrevista com as coordenadoras dos jardins em estudo, verificamos que ambas estão a fazer os possíveis e impossíveis para levarem os pais e encarregados de educação à interacção mais envolvimento nas actividades em prol da educação dos seus filhos, e deste modo colaboramos com Spodek e Saracho (1998) quando eles afirmam que o envolvimento dos pais e encarregados de educação na educação das crianças tem uma justificativa pedagógica e moral, bem como legal. Ainda eles continuam a dizer que como as crianças estão primeiramente sob a responsabilidade de seus pais, estes devem estar envolvidos na tomada das decisões educacionais.

3.2. Análise dos questionários aplicados às educadoras e monitoras dos jardins “Sol D’ Infância” e “Flores da Suíça”

Foram distribuídos três (3) questionários às Educadoras do jardim “Sol D’ Infância” e de igual modo foram também distribuídos seis (6) questionários às monitoras do jardim “Flores da Suíça,” que foram devolvidos devidamente preenchidos.

Para conhecer a situação, optámos por inquirir todas as monitoras e educadoras dos dois jardins infantis em análise, que constituem nosso objecto de estudo e que no fundo, também constituem um grupo pequeno, mas significativo de monitoras e educadoras no total de nove (9) em que assenta a nossa amostra.

Buscando saber informações sobre a corpo docente ou seja as monitoras e educadoras dos jardins “Sol D’ Infância” e “Flores da Suíça.”

Neste ano lectivo 2009/2010, de acordo com a tabela abaixo, o jardim Sol D’ Infância funcionou com três (3) educadoras, sendo duas com as mesmas habilitações literárias e uma (1) com habilitações literárias diferente, comparando com o jardim “Flores da Suíça,” de

acordo com a tabela abaixo, o jardim possui seis (6) monitoras na sua totalidade cada uma possuidora de habilitações literárias diferentes.

Educadoras e Monitoras			
Habilitações Literárias	Sexo		Total
	Feminino	Masculino	
Escola Secundária	2	0	2
Curso Médio do Instituto Pedagógico	1	0	1
Licenciatura	6	0	6
Total	9	0	9

Tabela III: Grau académico das educadoras e monitoras dos jardins Sol D’ Infância e Flores de Suíça.

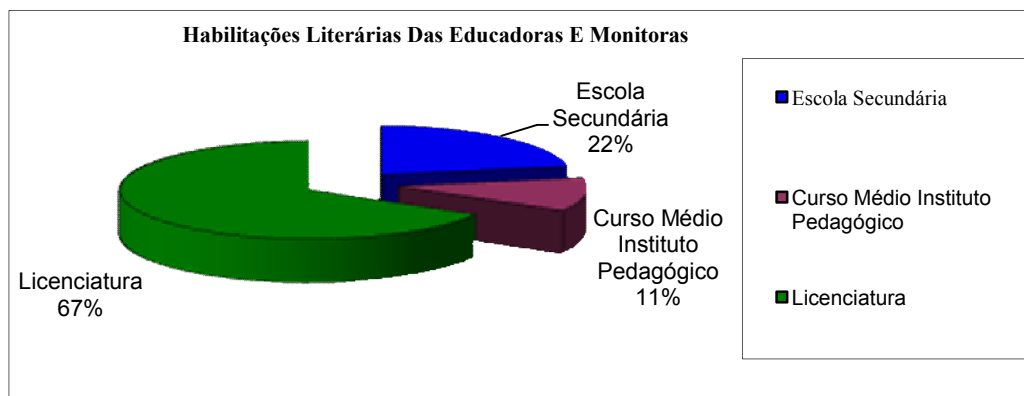


Gráfico I – Distribuição de habilitações literárias das educadoras e monitoras

Procuramos demonstrar ainda no gráfico apresentado acima (gráfico I) diferente distribuição das educadoras e monitoras quanto à sua qualificação profissional. Podemos verificar que 67% (6) de educadoras frequentaram a formação superior, o que podemos afirmar, sem dúvida alguma, que estas educadoras estão mais habilitadas para trabalhar com maior domínio na área pedagógica, do que as que têm apenas alguma formação médio no instituto pedagógico 11% (4), e as monitoras sem formação 22% (2).

Sabemos que para que seja possível construirmos um jardim-de-infância de qualidade e para que exista interrelação entre pais e educadores, é necessário que as educadoras e monitoras tenham formação na área e conheçam as diferenças, para melhor proporcionar uma relação do jardim com a comunidade, em geral, e com as famílias em particular.

Apesar dessa disparidade concordámos com Mauco (1975), ao aludir que é importante que os pais valorizem os trabalhos das monitoras enquanto agente educativo, responsável por um grupo de crianças, acreditando nas suas qualidades humanas e técnicas, em vez de evidenciarem com mais frequência e relevância, os aspectos negativos.

Em relação á distribuição de Género ou Sexo das educadoras e monitoras, pudemos notar que as educadoras e monitoras são totalmente femininas (9) (100%).

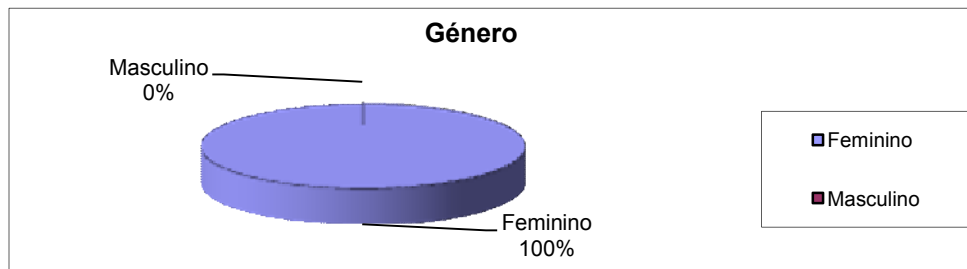


Gráfico II - Distribuição por sexo das educadoras e monitoras

É notório no gráfico acima (gráfico II), que 100% das educadoras e monitoras são de sexo feminino, o que significa que os referidos jardins têm, na sua totalidade, educadoras e monitoras do sexo feminino.

Em relação à idade das educadoras e das monitoras podemos notar no gráfico seguinte que:

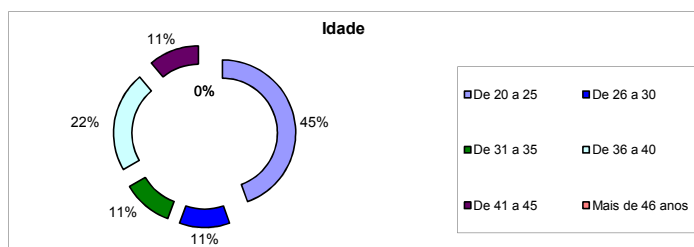


Gráfico III - Distribuição de idade das educadoras e monitoras

No que diz respeito à idade das educadoras e monitoras, quatro (4) educadoras e monitoras, correspondente a 45% encontram-se na faixa etária compreendida entre 20 a 25 anos; mais duas (2) educadoras e monitoras correspondentes a 22%, na faixa etária de 36 a 40 anos; sendo uma (1) - 11%, entre os 26 a 30 anos; uma (1) na razão de 11%; na faixa etária entre 31 a 35 anos; e igualmente na razão de 11% encontram-se as educadoras e monitoras na faixa

etária entre 41 a 45 anos e finalmente, zero (0) correspondentes, a 0%, com mais de 46 anos de idade.

Auscultadas sobre o que entendem por interrelação, as inquiridas demonstraram que têm ideias formadas sobre essa questão. Existe uma ênfase muito grande quanto à ligação entre duas pessoas o que corresponde a 57% das respostas obtidas no nosso inquérito por questionário e 29% das inquiridas responderam que a interrelação são trocas de ideias, afectividade, envolvimento de pais e encarregados de educação no ensino aprendizagem e 14% das educadoras e monitoras responderam que a interrelação é a comunicação que existe entre os indivíduos.

Notámos que quanto à questão “o que é para si uma boa interrelação entre Pais (Encarregados de educação) e o Educador de Infância,” surgiu em primeiro lugar o diálogo, a confiança, o respeito, a amizade, e a cumplicidade entre pais (Encarregados de Educação) como educador de infância com 78 %, seguidamente 22% das inquiridas responderam sobre os problemas dos seus filhos.

Em relação à terceira questão, de II parte, que tinha como pergunta se: “É importante o envolvimento dos pais (encarregados de educação) no jardim-de-infância” a opinião do total da população inquirida, tanto as educadoras do jardim “Sol D’ Infância” como a do Jardim “Flores da Suíça,” é no sentido afirmativo, indicando que é muito importante envolver os pais (encarregados de educação) no jardim-de-infância, apontando contudo algumas razões tais como: manter-se informados sobre os conteúdos leccionados no jardim, as crianças sentirem-se valorizadas e aumento da auto-estima, facilidades na educação dos seus filhos e que este envolvimento serve de pré-requisito para a criança desenvolver os seus conhecimentos numa base sólida entre outras razões mencionadas.

Podemos afirmar que a percepção das educadoras e das monitoras vai ao encontro da teoria de Spodek e Saracho (1998) que afirma que: o envolvimento dos pais (encarregados de educação) denota um processo através do qual eles são postos em contacto com a equipe responsável por atender a criança (os pais) com o propósito de fazer intervenções pedagógicas e actividades que envolvem a criança, criadas para informar os pais e encarregados de educação e facilitar seu papel junto dos seus filhos.

Concernente à quarta questão de II parte do nosso questionário, ou seja, “na sua opinião qual é a maior preocupação dos pais (encarregados de educação) com a educação dos filhos” das inquiridas abordadas quanto à sua opinião com preocupação dos pais com a educação dos filhos, 34 % das educadoras e monitoras responderam que os pais (encarregados de educação) querem que os seus filhos sejam educados, respeitosos, comportados, e que em termo escolar, as crianças sejam inteligentes, 33 % das educadoras e monitoras inquiridas responderem que os pais (encarregados de educação) querem que os filhos sejam bem formados, para que a criança tenha um bom alicerce que perdurará para a eternidade; e 22% das inquiridas afirmaram que os pais e encarregados de educação estão mais preocupado que os seus filhos tenham aptidões para realizarem as actividades proposta no jardim e 11% das restantes educadoras e monitoras inquiridas realçaram que os pais querem que os seus filhos recebam bons cuidados para não se machucarem, principalmente no jardim e na sua ausência.

Relativamente a essa questão verificámos que as educadoras/ monitoras já conhecem minimamente os pais e encarregados de educação, pois ao responderem essa questão, fizeram-no como se fossem os próprios pais dessas crianças, e neste sentido vamos de acordo com Chaves (2002), citado por Spodek (2002) segundo o qual, os pais, ajudados também pelos professores/ monitores, devem educar a criança, para que tenha um comportamento socialmente adequado, incluindo noções de higiene, de moral e de religião. Contudo, cabe aos pais proporcionar aos filhos oportunidades de se desenvolver socialmente ao se relacionar com eles, com os familiares, com os professores e outras crianças e adultos, para que ela aprenda a participar em todas as actividades, adquirindo responsabilidade e equilíbrio emocional, não as deixando ali no jardim apenas como um “objecto.”

Das inquiridas, abordadas quanto à nível de participação dos pais e encarregados de educação no jardim-de-infância, as respostas obtidas foram várias, e diversas:

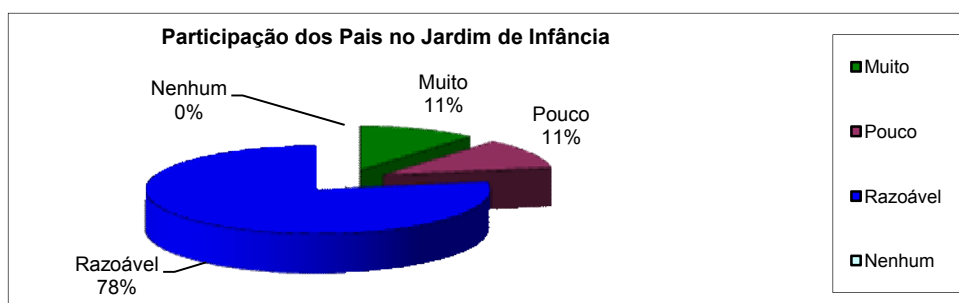


Gráfico IV - Níveis de participação dos pais no jardim-de-infância

Se observarmos o gráfico acima (gráfico IV), podemos confirmar que 78% das educadoras e monitoras (7) disseram que os níveis de participação dos pais (encarregados de educação) no jardim-de-infância são razoáveis.

Por outro lado, 11% das inquiridas (1) responderam que o nível de participação dos pais e encarregados de educação é muito; de igual modo 11% das educadoras e monitoras (1), dos jardins Sol D’ Infância e Flores da Suíça disseram que o nível de participação dos pais (encarregados de educação) é pouco; e para finalizar 0% das inquiridas foram de opinião que não há nenhum pai que não tome parte na vida de jardim-de-infância.

É de salientar que as inquiridas mostraram que os pais e encarregados de educação participam razoavelmente, mas que deveriam participarem mais, levando-nos a concordar com Marques (1991), quando diz que se os pais participassem mais nas actividades e estivessem mais envolvidos na vida da escola reconheceriam que o trabalho do professor é difícil e importante. Uma vez que quando os pais e os professores trabalham em conjunto, resultam evidentes benefícios, não só para os alunos, mas também para a escola e para as famílias.

Dos resultados obtidos sobre a questão que colocámos às inquiridas da nossa amostra sobre se tinham ou não o conhecimento da existência no jardim de alguma associação dos pais, o total das inquiridas do jardim Sol D’ Infância responderam que sim, que ainda essa associação não realizou nenhuma actividade; no entanto no jardim Flores da Suíça, as monitoras disseram que não existe no jardim nenhuma associação dos pais.

Concluimos que dos jardins em estudo, um não tem nenhuma associação dos pais que acreditamos seria muito importante que houvesse, pois esses pais se envolveriam mais nas actividades, ficariam mais informados, sensibilizariam os outros pais e encarregados de educação a tomarem decisões em conjunto, conforme a necessidade das crianças.

No que tange a questão “se o jardim-de-infância faz alguma actividade que engloba os pais (encarregados de educação),” tanto as educadoras do jardim “Sol D’ Infância” como as monitoras do jardim “Flores da Suíça” foram unânimes em responder que sim, a 100% e, salientaram que o jardim promove actividades que englobam os pais (encarregados de educação) como: comemorações do dia do Pai e da Mãe, dia dos Namorados, palestras e reuniões, visitas de estudos, dia das crianças, tardes culturais etc, o que nos mostra que existe uma estreita relação entre o jardim-de-infância e os pais (encarregados de educação).

Um outro aspecto abordado no nosso questionário era saber por parte das educadoras e monitoras inquiridas dos jardins em estudo “em que tipo de actividade costuma participar mais no jardim-de-infância?”

	Muito	Pouco	Razoável	Nenhum	Total
Participação em reuniões	6	0	3	0	9
Organização de festas, visitas de estudo	3	2	4	0	9
Ajuda nos trabalhos solicitados para casa	0	2	6	1	9
Campanha de limpeza	1	4	4	0	9
Percentagem	60%	10%	30%	0%	100%

Tabela IV – Participação das educadoras e monitoras nas actividades do jardim-de-infância

Ao analisar a tabela acima (tabela II), referente ao tipo de actividade que as educadoras e monitoras costumam participar mais no jardim-de-infância, os resultados foram os seguintes: seis (6) educadoras e monitoras participam muito em reuniões, e Três (3) participam razoável em reuniões, correspondente a 60%. Observamos também que três (3) educadoras e monitoras participam muito nas organizações de festas, visitas de estudo; e constatamos ainda que duas (2) educadoras e monitoras participam na actividade como das organizações de festas, visita de estudo, que corresponde 10% das participações na actividade no jardim-de-infância, já no que tange à ajuda nos trabalhos solicitados para casa, participam somente duas (2) monitoras e uma (1) educadora não participa nessa actividade. Seis (6) razoavelmente ajudam nos trabalhos solicitados para a casa. E para finalizar observamos que somente uma (1) educadora participa muito na campanha de limpeza e que quatro (4) educadoras e monitoras participam pouco enquanto que (4) educadoras e monitoras participam razoável na campanha de limpeza no jardim-de-infância.

De acordo com a tabela acima, questionamos por que é que as educadoras e as monitoras participam mais em reuniões do que em outras actividades no jardim? Acreditamos que seja falta de motivação por partes delas. E notámos uma maior interrelação das monitoras do jardim Flores da Suíça em relação às do Jardim Sol D’ Infância. Há um certo distanciamento entre elas.

No que concerne à primeira questão de IV parte do nosso questionário, que tinha como pergunta: “ quais são as situações mais utilizadas para si para conversar com os pais” As respostas obtidas foram estas: sete (7) educadoras e monitoras disseram que utilizam momentos de reuniões de pais e encarregados de educação para conversar com os referidos pais e encarregados de educação, correspondente a 47% das inquiridas; cinco (5) educadoras e monitoras salientaram que a situação mais utilizada para si para conversar com os pais, são os momentos informais no jardim, correspondente a 33%, e duas (2) delas utilizam reuniões com os pais individualmente para conversar com eles, correspondente a 13%. Por último uma (1) monitora disse que utiliza reuniões com outros profissionais para conversar com os pais, correspondente a 7%.

Procurámos saber como é que o jardim “Sol da Infância e o jardim Flores da Suíça,” procedem para entrar em contacto com os pais e encarregados de educação e 43% (educadoras e monitoras 6) disseram que os meios que costumam utilizar para contactar os pais e encarregados de educação são através dos contactos telefónicos, e cinco (5) educadoras e monitoras responderam que são através de notas escritas, correspondente a 36%, e três educadoras e monitoras referiram que os meios que mais utilizam para contactar os pais e encarregados de educação é pessoalmente quando eles vão ao jardim, o que corresponde 21% das inquiridas.

Com o avanço tecnológico e por falta de tempo constatámos que as educadoras/monitoras utilizam vias mais rápidas, achamos que pessoalmente, numa conversa informal os pais e encarregados de educação abrem-se mais, seria mais útil conhecer os pais da criança, o seu carácter e as particularidades do clima familiar em que ela vive.

Um outro aspecto abordado no nosso questionário foi “se as educadoras e monitoras recebem algum tipo de informação dos pais,” 100% ao que das inquiridas (nove=9) responderam “Sim.”

Da mesma forma perguntamos às educadoras e monitoras se se sentem obrigadas em contactar os pais e encarregados de educação por alguma razão especial, a opinião do total da população inquirida é no sentido afirmativo, indicando as razões relativas ao funcionamento do jardim, informação sobre o comportamento dos filhos, ainda sobre a aprendizagem e participação dos filhos na actividade, quando uma criança está doente e não quer alimentar no jardim e mostrar ainda aos pais a vontade de participar nos trabalhos do jardim.

No que tange á primeira questão de V parte, “ que contacto o jardim faz com os pais” todas as educadoras e monitoras, 100% (nove=9) dos jardins “Sol D’ Infância” e “Flores da Suíça” disseram que os jardins referidos anteriormente contactam os pais para lhes informar funcionamento do jardim e organização do próprio jardim, a vivência escolar e também por causa do desempenho das crianças.

Em relação ao número de reuniões feito no jardim com os pais e encarregados de educação pelas educadoras e monitoras, notámos que não há um número específico de reuniões por mês, mas elas foram unânimes, ou seja 100% em responder que quando é necessário convocam a reunião.

Das inquiridas, abordadas sobre a visitação dos pais e encarregados de educação ao jardim-de-infância, pudemos apurar os seguintes dados, indicados no gráfico abaixo (gráfico V).

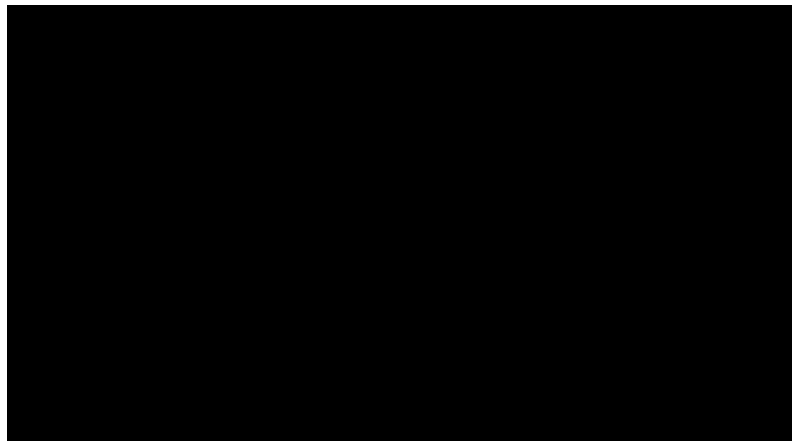


Gráfico V – Visitação dos pais e encarregados de educação

De acordo com 57% (4 educadoras e monitoras) inquiridas, os pais das crianças dos referidos jardins visitam o jardim mas a maioria só quando são chamadas. Todavia isso não significa que não exista no jardim, pais e encarregados de educação activos que contribuam para o bom funcionamento e organização dos mesmos. Esses pais representam 43% (3 educadoras e monitoras) das que responderam ao nosso inquérito por questionário.

Da informação que recolhemos das inquiridas, notámos que a participação dos pais e encarregados de educação no jardim-de-infância é um factor importante no desenvolvimento da instituição escolar, 100% (9 educadoras e monitoras) e, reforçaram as suas respostas apontando algumas razões: Facilita o trabalho das educadoras e das monitoras nas suas actividades, sabendo as dificuldades de cada criança procuram estratégia que melhor coaduna,

as educadoras e monitoras ficam a conhecer a vivência da criança e o contexto em que ela está inserida, eles saberão como é que seus filhos se comportam no jardim, acompanham a aprendizagem da criança, propiciando mais engajamento entre ambos.

Daí verificámos mais uma vez que a teoria de Spodek e Saracho (1998) e a teoria de Marques (1991) são aplaudidas perante a realidade dos jardins Sol D’ Infância e Flores da Suíça, pois segundo eles a participação parental influencia na qualidade de característica das crianças, como a auto-imagem positiva, o senso de optimismo e a orientação produtiva para as relações e ganhos na linguagem, habilidades motoras, conceitos e solução de problemas, por isso é de extrema importância a participação dos pais e encarregados de educação que contribui significativamente para o próprio desenvolvimento do país.

Procurámos ainda, conhecer as dificuldades que os jardins Sol D’ Infância e o Jardim Flores da Suíça encontram em relação às actividades que envolvam os pais e encarregados de educação e os educadores em prol da educação das crianças no pré-escolar, deparámos que 56% das educadoras e monitoras (quatro =5) responderam que as dificuldades que o jardim encontra em relação às actividades é o próprio envolvimento dos pais e encarregados de educação nas actividades feitas no jardim, e na opinião de duas (2) das educadoras e monitoras inquiridas as dificuldades advêm da não participação dos pais e encarregados de educação nas reuniões afim de integrar na actividade do jardim, correspondente a 22%, e por último, mas não menos importante, apenas e duas (2) educadoras e monitoras não acham que há dificuldades no jardim que leva a que os pais e encarregados de educação e educadores se envolvam na educação das crianças no pré-escolar. O que corresponde 22% da inquiridas no nosso questionário.

Estes dados nos chamaram atenção, porque mais de 56% das educadoras/monitoras responderam que as dificuldades que os jardins enfrentam têm a ver com a participação dos pais e encarregados de educação nas actividades, e neste sentido concordamos com Fontao, (2000), que afirma que a colaboração dos pais no pré-escolar tem tradições muito diferentes em países distintos. Em alguns países existem práticas de colaboração bem estabelecidas e experimentadas, enquanto noutros, os casos de participação são isolados. No entanto, qualquer que seja a tradição, o envolvimento dos pais na educação das crianças é fundamental e reconhecida, sendo assim, recomendada. Entendendo a participação dos pais como um dos critérios mais claros da qualidade da oferta educativa de um centro ou de uma escola ou jardim.

Por último, também abordamos a questão seguinte no nosso questionário “qual a estratégia que o jardim desenvolve para ultrapassar as dificuldades mencionadas anteriormente” tendo verificado que não existe consenso em relação à questão acima referida, dado a diversidade de respostas. No entanto, pelos dados apresentados, constatamos que 34% das educadoras e monitoras (3) usam como estratégia visitas domiciliare, ainda três (3) das educadoras e monitoras disseram que usam como estratégia para ultrapassar essas dificuldades contacto aos pais pelo telefone avisando das reuniões, das actividades no jardim, correspondente a 33%. De igual modo duas (2) inquiridas responderam que a melhor maneira para ultrapassar essas dificuldades é enviar avisos escritos aos pais e encarregados de educação, correspondente a 22%. Por último, das educadoras e monitoras inquiridas uma (1) que corresponde a 11 % respondeu que para ultrapassar as dificuldades encontradas no jardim em relação às actividades que envolvam pais e educadores, devemos fazer mais actividades como por exemplo: jogos, palestras animadas e entre outras que achamos conveniente para envolver os pais e encarregados de educação na vida do jardim.

3.3. Análise dos questionários aplicados aos pais e encarregados de educação dos jardins “Sol D’ infância” e “Flores da Suíça.”

Foram distribuídos trinta e quatro (34) questionários aos pais e encarregados de educação do jardim “Flores da Suíça” e de igual modo foram também distribuídos dez (10) aos pais e encarregados de educação do jardim “Sol D’ Infância” e no entanto foram devolvidos apenas vinte (20) questionários devidamente preenchidos pelos pais e encarregados de educação; em relação ao jardim Sol D’ Infância foram entregues aos pais e encarregados de educação sete (7) dos questionários entregues.

Para conhecer a situação, optámos por inquirir alguns pais e encarregados de educação dos referidos jardins mencionados anteriormente que são os nossos jardins objecto de estudo e que no fundo representam um grupo pequeno, mas significativo e de grande importância de pais e encarregados de educação, totalizando quarenta e quatro (44) que constituíram a nossa amostra.

Buscando saber informações sobre os pais e encarregados de educação dos jardins “Sol D’ Infância” e “Flores da Suíça,” ficamos a saber que: desses pais e encarregados de educação inquiridos e que entregaram os questionários devidamente preenchidos, conforme já é referido anteriormente, mais de metade são de sexo feminino.

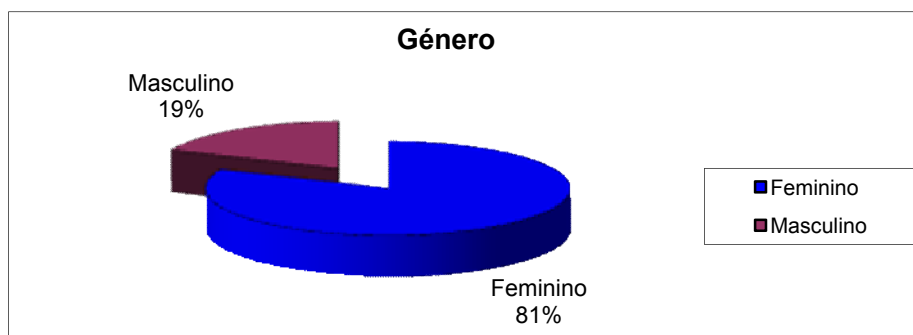


Gráfico VI – Distribuição por sexo dos pais e encarregados de educação

Podemos confirmar no gráfico anterior (gráfico VI), a diferente distribuição dos pais e encarregados de educação quanto ao gênero. Podemos verificar que 81% de pais e encarregados de educação (22) são de gênero Feminino, enquanto que cinco (5) 19% são do gênero Masculino.

Em relação á idade dos pais e encarregados de educação podemos notar no gráfico seguinte que:

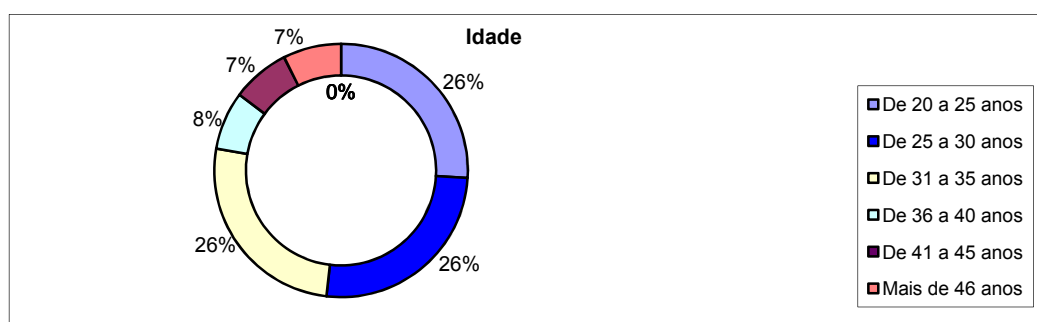


Gráfico VII – Distribuição de idade dos pais e encarregados de educação

No que diz respeito à idade dos pais e encarregados de educação, sete (7) pais e encarregados de educação, correspondente a 27% encontram-se na faixa etária compreendida entre 20 a 25 anos; mais sete (7) pais e encarregados de educação correspondente a 26%, na faixa etária de 25 a 30 anos; sendo sete (7) – 26%, entre a 31a 35 anos; dois (2) na razão de 7%; na faixa etária entre 36 a 40 anos; e igualmente na razão de 7% encontram-se dois (2) pais e encarregados de educação na faixa etária entre 41 a 45 anos, e finalmente, dois (2) correspondentes, a 7% também, com mais de 46 anos de idade.

No que diz respeito à distribuição da amostra por habilitação literária, os resultados do gráfico mostram-nos que:

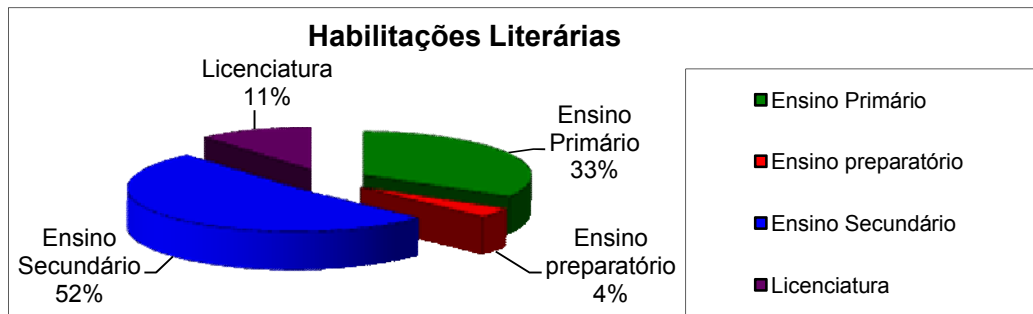


Gráfico VIII - Distribuição de habilitações literárias dos pais e encarregados de educação

Procurou-se salientar ainda no gráfico mencionado acima (gráfico VIII) a diferente distribuição dos pais e encarregados de educação, dos jardins Flores da Suíça e Sol D’ Infância, quanto á sua qualificação profissional. Podemos verificar que 52% dos pais e encarregados de educação (14) inquiridos têm como habilitação literária o Ensino Secundário, 33% (9) deles apresentam como habilitação literária Ensino primário, 11% dos inquiridos ou seja três (3) dessas mesmas entidades frequentaram a formação superior (licenciatura). Sendo de realçar que os mesmos pais e encarregados de educação pertencem ao jardim Flores da Suíça. No concernente ao ensino preparatório, existe um número reduzido de inquiridos, 4% (1).

Procurámos conhecer um pouco sobre a distribuição dos pais e encarregados de educação de acordo com a experiência profissional, e deparámo-nos com um número bastante considerável deles, com função doméstica.

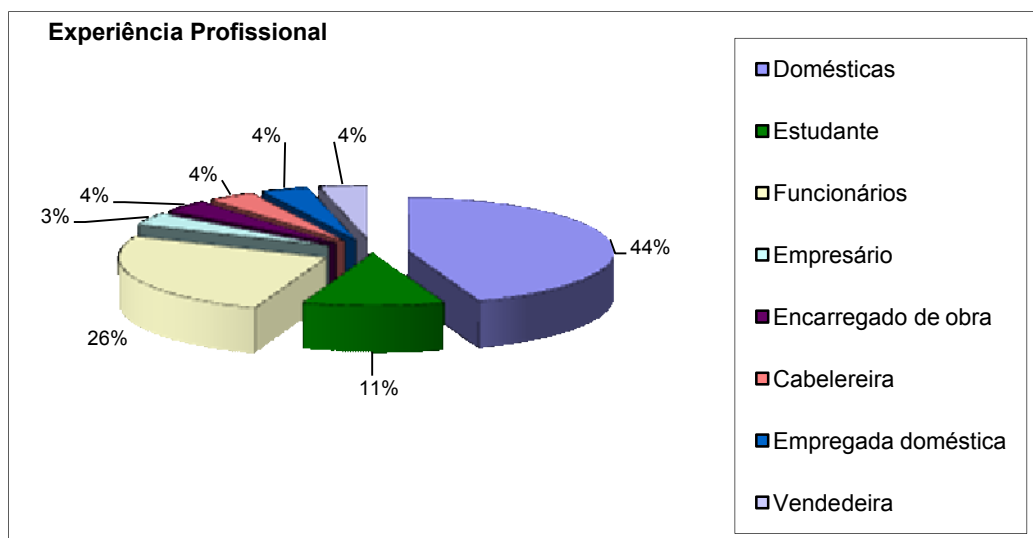


Gráfico IX – Distribuição dos pais e encarregados de educação de acordo com a experiência profissional

Como podemos conferir no gráfico apresentado acima (gráfico IV), 43% dos pais e encarregados de educação inquiridos são domésticas, correspondente a 12 pais e encarregados de educação, 26% dos inquiridos são funcionários (7) e, como por exemplos de profissões temos: secretária, monitora de infância, técnico de informática, 11% (3) dos pais e encarregados de educação são estudantes, e 4% (1) dos restantes pais e encarregados de educação inquiridos têm profissões diversas tais como: vendedeira, empresário, cabeleireira, encarregado de obra, correspondente um (1) dos pais e encarregados de educação.

Como local de trabalho, a nossa amostra constituída por pais e encarregados de educação afirmaram que, trabalham em jardim-de-infância, Palácio de Governo, e em casa.

Quanto ao grau de parentesco, em relação às crianças, os dados mostram-nos que grande parte das mães são chefes de família -74%, corresponde vinte (20) conforme o gráfico (gráfico V) em baixo; e 19% de pais e encarregados de educação em relação á criança são pais de sexo masculino (5) e 7% de grau de parentesco dos pais e encarregados em relação á criança são tias (2).

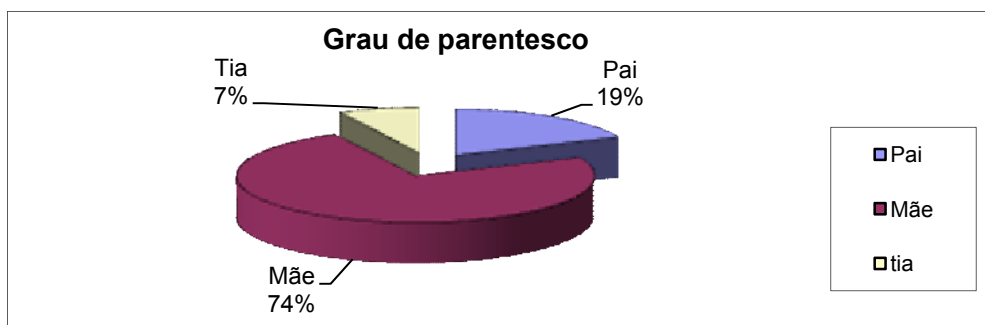


Gráfico X – Distribuição de grau de parentesco em relação às crianças

Podemos constatar no gráfico acima, que o grau de parentesco que sobrepõem é a mãe, como chefe de família e o pai não deve ser apenas um progenitor, mas uma entidade que assume, e efectivamente a sua responsabilidade na educação do seu filho, o que, de certa forma, levou-nos a dar mais razão a Geremek (1996) quando diz que os pais (principalmente os pais de sexo masculino) devem, efectivamente, ter uma presença forte nos estabelecimentos do domínio de ensino, até porque, estes também exercem uma influência poderosa sobre o que se passa nos lares, em inúmeras e importantes esferas.

Auscultados sobre o que entendem por “interrelação,” os inquiridos demonstraram que têm ideias formadas sobre o conceito e as respostas foram as seguintes: quanto à questão, existe uma ênfase muito grande quanto ao relacionamento entre duas pessoas o que corresponde a 44% das respostas obtidas no nosso inquérito por questionário (12) e 22% (6) dos inquiridos responderam que a interrelação é uma estreita ligação entre pais e encarregados de educação com os educadores, afectividade, envolvimento de pais e encarregados de educação no ensino aprendizagem e 14% dos pais e encarregados de educação 19% (5) responderam que a interrelação é interagir com os educadores, com os pais e encarregados de educação, com a comunidade em geral; e 15% (4) foram de opinião que a interrelação é a comunicação que existe entre os indivíduos.

Sendo respostas diversificadas, queríamos apenas concordar com Marques (1991), na medida em que, acreditamos que interacção entre o jardim e a família, é condição sine qua non para existência de uma maior cooperação e entendimento entre ambas, o que é fundamental numa relação bilateral.

No que diz respeito à questão “o que é para si uma boa interrelação entre Pais (Encarregados de educação) e o Educador de Infância” constatamos que em primeiro lugar aparece o diálogo, confiança, respeito, amizade, colaboração mútua e a cumplicidade entre pais (Encarregados de Educação) como educador de infância com 47 % (13); seguidamente 19% dos pais e encarregados de educação (5), preocupam-se com as crianças e ajudam-nas a superar essas dificuldades juntamente com os educadores e 19% dos inquiridos (5), responderam estar em sintonia para o bem das crianças e 15%, dos pais e encarregados de educação (4), disseram que trabalhar juntos é sempre uma boa maneira para que haja uma boa interrelação entre ambos.

Em relação à terceira questão, de II parte, que tinha como pergunta: “É importante o envolvimento dos pais (encarregados de educação) no jardim-de-infância” a opinião do total da população inquirida, tanto dos pais e encarregados de educação do jardim “Sol D’ Infância” como do Jardim “Flores da Suíça,” é no sentido afirmativo, indicando que é muito importante envolver os pais (encarregados de educação) no jardim-de-infância, e apontaram algumas razões tais como: manterem-se informados sobre os conteúdos leccionados no jardim, para que as crianças se sintam valorizadas e aumentem a sua auto-estima, e este envolvimento serve de pré-requisito para a criança desenvolver os seus conhecimentos numa

base sólida e entre outras razões mencionadas, haverá maior envolvimento e interrelação entre os pais e educadores.

Dos inquiridos abordados quanto ao nível de participação dos pais e encarregados de educação no jardim-de- Infância, as respostas obtidas foram estas:

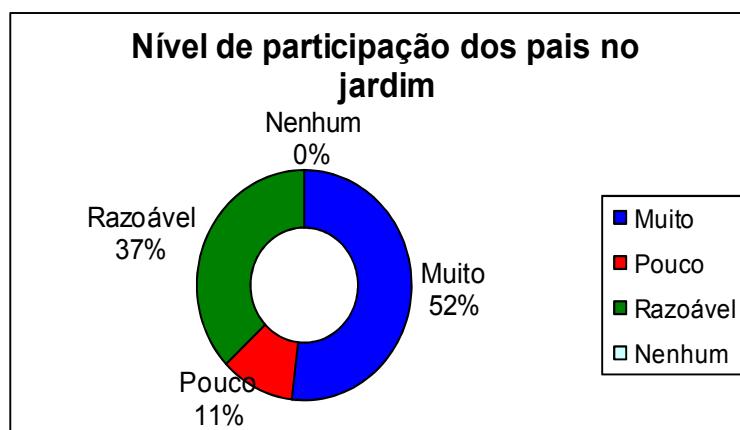


Gráfico XI - Níveis de participação dos pais no jardim-de-infância

Se observamos o gráfico acima (gráfico XI), podemos confirmar que 52% dos pais e encarregados de educação (14) disseram que participam muito no jardim-de-infância. Por outro lado, 37% do inquirido (10) responderam que os pais e encarregados de educação participam razoavelmente no jardim, 11% dos pais e encarregados de educação (3), dos jardins Sol D’ Infância e Flores da Suíça disseram que a sua participação é pouco, e para finalizar, 0% dos inquiridos não participam no jardim-de-infância.

Na nossa sociedade, envolver os pais na vida escolar não é uma tarefa fácil, mas também não impossível, pois há que incentivar as pessoas, há que fazer parcerias com o jardim, e ao mesmo tempo explicar os impactos que essa participação tem na vida da escola e no desenvolvimento das crianças.

Os resultados obtidos sobre a questão que colocámos aos pais e encarregados de educação que constituíram a nossa amostra sobre se tinham ou não conhecimento se no jardim existe associação dos pais, desses sete (7) pais e encarregados de educação do jardim Sol D’ Infância responderam que sim, (que existe associação dos pais), e que no entanto essa associação não realizou até agora nenhuma actividade, pois é recente. Não obstante, 20 pais e encarregados de educação disseram que não existe no jardim Flores da Suíça qualquer associação dos pais, possuindo aquela, apenas um grupo de elementos que tomam decisão em conjunto, no qual, contam com a presença de um pai que representa os demais.

No que tange à questão “Se o jardim-de-infância faz alguma actividade que engloba os pais (encarregados de educação)?” Tanto os pais e encarregados de educação do jardim “Sol D’ Infância” como os pais e encarregados de educação do jardim “Flores da Suíça” foram unânimes em responder que sim (100%) salientando que o jardim promove actividades que englobam os pais (encarregados de educação) como: comemorações do dia do Pai e da Mãe, dia dos Namorados, palestras e reuniões, visitas de estudos, dia das crianças, tardes culturais, passeios, debates etc, o que nos mostra que existe uma estreita relação entre o jardim-de-infância e os pais (encarregados de educação), que afectivamente participam nestas actividades.

Um outro aspecto abordado no nosso questionário foi saber junto dos pais e encarregados de educação inquiridos dos jardins em estudo “em que tipos de actividades de jardim-de-infância têm mais hábito de tomarem parte. (ver resultado no quadro abaixo).

	Muito	Pouco	Razoável	Nenhum	Total
Participação em reuniões	18	3	4	2	27
Organização de festas, visitas de estudo	12		7	5	24
Ajuda nos trabalhos solicitados para casa	6	4	10	6	26
Campanha de limpeza	3	4	3	13	23
Percentagem	39%	11%	24%	26%	100%

Tabela V – Participação dos pais e encarregados de educação na actividade no jardim-de-infância

Ao analisar a tabela acima (tabela IV), referente ao tipo de actividade que os pais e encarregados de educação costumam participar mais nos jardins-de-infância Sol D’ Infância e Flores da Suíça, que constituíram objecto do nosso estudo, obtivemos os seguintes resultados. Dezoito (18) pais e encarregados de educação participam muito em reuniões, debates, palestras e quatro; (4) participam razoavelmente em reuniões, debates, palestras, três (3) desses pais e encarregados de educação inquiridos participaram pouco nas actividades; e dois (2) dos pais e encarregados de educação disseram que nunca participaram nessas actividades

correspondentes a 39%. Observamos também que doze (12) pais e encarregados de educação participam muito nas organizações de festas, visitas de estudo e constatámos ainda que sete (7) pais e encarregados de educação participam razoavelmente nas actividades relacionadas com organização de festa, visita de estudo; no entanto três (3) poucas vezes participaram nas actividades. De igual modo, verificamos que cinco (5) dos pais e encarregados de educação, correspondente a 11%, nunca tomaram parte nas actividades do jardim-de-infância. No que tange à ajuda nos trabalhos solicitados para casa dois (2), participam; somente seis (6) pais e encarregados de educação participaram muito, ajudando nos trabalhos solicitados e quatro (4) pouquíssimas vezes participaram; enquanto que seis (6) pais e encarregados de educação não participaram nessa actividade, tendo notado que dez (10) razoavelmente ajudam nos trabalhos solicitados para a casa, o que corresponde a 24%. E para finalizar observamos que somente três (3) pais e encarregados de educação participaram muito na campanha de limpeza, enquanto que quatro (4) desses inquiridos participam pouco. Verificamos ainda que três (3) pais e encarregados de educação participam de forma razoável na campanha de limpeza, tendo-nos assustado o facto de haver um número bastante significativo destes (26%), que nunca aderiu, sequer a uma única campanha de limpeza, promovida pelos jardins-de-infância. Deste modo concordamos com Marques (1991), segundo o qual, o envolvimento exige a participação do cidadão numa determinada acção, pois, diz respeito a uma interacção entre o jardim/escola /família. Envolver-se activamente na vida na vida da jardim/ escola a família, é sentir integrado nessa organização, dinamizando algumas actividades para o progresso da mesma.

Concernente à primeira questão da IV parte do nosso questionário, a qual tinha como pergunta: “Quais são as situações mais utilizadas para si, para conversar com os educadores” As respostas obtidas foram estas: dezassete (17) pais e encarregados de educação, correspondente a 49% salientaram que as situações mais utilizadas para si para conversar com os pais são os momentos informais no jardim-de-infância, onze (11) pais e encarregados de educação correspondente a 31% disseram que utilizam momentos de reuniões desta natureza para conversar com as referidas educadoras. Por outro lado, dos inquiridos, sete (7) deles, num total de 20% utilizam esses encontros como uma oportunidade de falarem pessoalmente com as educadoras.

Procurámos saber como é que nos jardins “Sol da Infância e Flores da Suíça,” os pais e encarregados de educação contactam com as educadoras, tendo obtido as seguintes respostas:

83 % (pais e encarregados de educação =25) disseram que os meios que costumam utilizar para contactar os pais e encarregados têm sido o contacto pessoal e cinco (5) correspondentes a 17%, disseram que o fazem através do telefone.

Um outro aspecto abordado no nosso questionário foi “se os pais e encarregados de educação recebem algum tipo de informação dos educadores.” Dos inquiridos (vinte e dois=81%) responderam “Sim” e dos pais e encarregados de educação inquiridos (19%) responderam que “não.”

Da mesma forma interrogados aos pais e encarregados de educação se se sentem obrigados em contactar as educadoras por alguma razão especial, a opinião do total da população inquirida foi no sentido afirmativo, colocando, contudo, algumas preocupações com o funcionamento do jardim; informações sobre o comportamento dos filhos, ainda sobre a aprendizagem e participação dos filhos nas actividades, desinteresse da criança no que diz respeito á alimentação, sobretudo quando não goza de boa saúde, quer em casa, quer no jardim, mas sem prejuízo para as actividades do jardim-de-infância; bem como da sua impossibilidade de, às vezes, ir buscar os filhos no jardim-de-infância.

No que tange á primeira questão de V parte, procurámos ainda, conhecer os tipos de dificuldades que os jardins Sol D’ Infância e o Jardim Flores da Suíça defrontam em relação às actividades que envolvam pais e encarregados de educação, assim como as educadoras em prol da educação das crianças no pré-escolar, tendo constatado que 81% dos pais encarregados de educação num total de 22, responderam que não há nenhuma dificuldade e que o jardim faz de tudo para envolver cada vez mais os pais em prol da educação; enquanto que, na opinião de cinco (5) pais e encarregados de educação inquiridos há dificuldades e essas dificuldades advêm da não participação dos pais e encarregados de educação nas reuniões, afim de se integrarem nas actividades do jardim-de-infância, correspondente a 19%.

Finalmente, em relação à nossa última pergunta do questionário: “qual a estratégia que os pais e encarregados de educação desenvolvem para ultrapassar as dificuldades mencionadas anteriormente” verificámos que nisto não existe consenso, dado a diversidade de respostas. No entanto, pelos dados apresentados, verificámos que 14% dos pais e encarregados de educação (10) apontam que o jardim faz visita domiciliar; ainda dezassete (17) dos inquiridos disseram que usam como estratégia para ultrapassar essas dificuldades o contacto aos educadores pelo telefone, informando-lhes das reuniões, das actividades no jardim, correspondente a 28%. De

igual modo vinte e sete (27) dos pais e encarregados responderam que a melhor maneira para ultrapassar essas dificuldades é ir pessoalmente ao jardim saber de tudo o que se passa com o seu filho etc, correspondente a 37%. Quatro (4 = 5%) dos pais e encarregados de educação preferem oficinas pedagógicas para ultrapassar as dificuldades no jardim-de-infância. Por último, dos pais e encarregados de educação inquiridos, quinze (15) respondeu que, para ultrapassar as dificuldades encontradas no jardim em relação às actividades que envolvam pais e educadoras é necessário que os jardins-de-infância façam mais actividades como por exemplo: jogos, palestras animadas, e entre outras que achamos convenientes para os envolver educação na vida do jardim, que corresponde a 2% dos inquiridos.

Conclusão

Durante o nosso trabalho tivemos a oportunidade de conhecer muito melhor a importância da interrelação entre os pais e os educadores na educação das crianças no pré-escolar, através do Estudo de Caso dos Jardins “Sol D’ Infância” e “Flores da Suíça.”

A medida que íamos avançando no trabalho de pesquisa, fomos apontando algumas considerações, fruto das observações participantes, das entrevistas, dos inquéritos, mas também das conversas informais que mantivemos com a comunidade educativa visada no estudo.

Assim, apresentaremos as nossas conclusões relativamente ao estudo realizado:

- Que o estudo trata-se de uma questão fundamental para uma gestão cuidada e frutífera dos jardins-de-infância;
- Que uma boa interrelação propicia a optimização das potencialidades dos pais em benefício tanto da comunidade educativa como também dos próprios encarregados de educação;
- Que o envolvimento dos pais e encarregados de educação nas actividades é de extrema importância na “vida do jardim,” pois, das observações realizadas constatamos que quando as crianças vêem que seus pais estão envolvidos e comprometidos com sua educação, tendem aceitar melhor as suas atribuições;
- Que existe fraca participação dos pais ou encarregado de educação do sexo masculino nas actividades realizadas nos jardins-de-infância.

Em relação aos objectivos iniciais deste trabalho foram todos concretizados, pois conseguimos analisar o processo de interrelação entre pais e educadores na educação das crianças no pré-escolar, conseguimos também promover algumas actividades nos jardins para analisar a participação dos pais e de igual modo ainda conseguimos identificar a actividade que caracteriza a máxima participação dos pais.

No que se refere a nossa pergunta de partida: Como se processa a interrelação entre pais e educadores de infância na educação das crianças no pré-escolar e Qual é a actividade que caracteriza uma máxima participação dos pais nos jardins-de-infância; as conclusões foram as seguintes:

Vimos que, a interrelação entre pais e educadores se processa através de actividades escolares e extra-escolares, nomeadamente canções, poesias, jogos, pintura, reuniões, festas, visitas de estudos e, visitas domiciliárias etc, etc, e que deve existir uma boa interrelação entre os pais/encarregados de educação e os respectivos jardins de forma a se conseguir cumprir tanto os objectivos curriculares como os extracurriculares, como nos mostram Monteiro e Marinho.

Das actividades realizadas com quinze (15) pais e encarregados de educação no “Jardim Flores da Suíça,” com o objectivo de promover a participação dos pais nas suas actividades de forma a melhorar a interrelação entre os pais e as educadoras na educação das crianças, chegámos finalmente, às seguintes conclusões:

Que as referidas actividades foram muito bem aceites pelas monitoras, pelos pais e encarregados de educação e pelas crianças, superando as nossas expectativas, o que deu-nos um novo alento no sentido de prosseguir com o nosso trabalho.

Todavia, lamentamos não ter conseguido realizar as mesmas actividades no jardim Sol D’ Infância, pois foram muitas actividades promovidas pela Fundação Infância Feliz que nos impediu bastante a realização das mesmas; e da conversa com a direcção do respectivo jardim, notámos que há sempre fraca participação dos pais e encarregados de educação.

Por outro lado constatamos que os pais/encarregados de educação do jardim Flores da Suíça que participavam nas actividades desenvolvidas, faziam tudo o que lhes era pedido com muito entusiasmo, o que nos fez concluir que interagiam muito bem e, consequentemente, passaram a conhecer melhor o dia-a-dia dos seus educandos.

As actividades mais participadas pelos pais e encarregados de educação dos jardins Sol D’ Infância e Flores da Suíça foram: reuniões, festas, e visitas de estudos; e as menos participadas foram campanha de limpeza e os trabalhos de apoio às crianças, que eram desenvolvidas em casa.

Embora todas as educadoras/monitoras tivessem referido que a interrelação entre pais e educadoras é importante, fazendo um balanço das opiniões dos pais e encarregados de educação e das educadoras, concluímos que não está a acontecer de forma participada e envolvida, pois verificamos que há falta de motivação, e pouca consciência por parte dos pais e encarregados de educação em relação à importância dessa interrelação entre as educadoras e os pais e encarregados de educação. As coordenadoras entrevistadas referiram que a relação entre pais e a família em estudo é razoável para não dizer fraca, apesar dos jardins se terem esforçado na realização de actividades para envolver cada vez mais os pais e encarregados de educação, poucos são os que se dignaram em comparecer.

Em termos gerais todos foram unânimes em afirmar que no relacionamento entre o jardim e a família é necessário maior interrelação entre todos os actores sociais.

Da informação que recolhemos dos inquiridos (pais, educadoras, monitoras, coordenadoras) notámos que a participação dos pais e encarregados de educação no jardim-de-infância é um factor importante e, reforçaram as suas respostas apontando algumas razões: facilita o trabalho das educadoras e das monitoras nas suas actividades, pois sabendo das dificuldades de cada criança, procuram estratégias que melhor coadunam com a educação e melhoria de aproveitamento dos educandos. As educadoras e monitoras ficam a conhecer a vivência e o contexto em que ela está inserida. Os pais e encarregados de educação não só ficam a conhecer o comportamento e desempenho do seu filho, como também, ficam a conhecer o funcionamento e a organização do jardim, o que nos leva a concluir que os pais e encarregados de educação desenvolvem um espírito de confiança.

É preciso quebrar o preconceito de que a educação se faz nos jardins-de-infância e pelas monitoras, pois ela é tarefa de todos, cada um com o seu papel. Ambos devem colaborar estreitamente para uma educação integral do indivíduo. Nos jardins, a criança recebe os conhecimentos, na sua maioria em forma sistemática. No lar, recebe de seus pais um modelo para aplicar esses conhecimentos durante a vida. O jardim instrui, o lar forma e confere uma educação voltada à prática de valores.

Recomendação

Deixamos de momento, as seguintes **recomendações** que consideramos importantes para o melhoramento da interrelação entre pais e educadores na educação das crianças no pré-escolar, especialmente para as educadoras/monitoras, pais, coordenadoras dos jardins Sol D’ Infância e Flores da Suíça.

Ao Ministério da Educação:

- De igual modo recomendamos ao Ministério da Educação que dispensasse uma atenção particular a todas as crianças, principalmente aquelas que são carenciadas, ajudando no pagamento da mensalidade das propinas, também procurando condições (espaços adequados, materiais didáticos, currículos flexíveis, e enquadramento de educadores formados nos jardins) que permitem a todas elas adquirirem maior aprendizagem.
- Gostaríamos ainda que o Ministério da Educação pensasse e estudasse melhor a lei sobre a educação de infância, oficializando o direito à educação pré-escolar obrigatória, pois quando isso acontece certamente os pais e encarregados de educação sentem “obrigados” a cumprir com os seus deveres.

Às coordenadoras:

- É necessário e de extrema importância que as coordenadoras juntamente com as educadoras/monitoras promovam reuniões no início, no meio e no final do ano, mas também que promovam reuniões em todos os períodos do ano lectivo, como forma dos pais e encarregados de educação estarem informados do funcionamento, das actividades do jardim e da sua responsabilidade neste processo e vice-versa.
- As coordenadoras devem realizar projectos educativos que chamem a atenção dos pais e encarregados de educação no sentido de se aderirem e tomarem parte nas actividades realizadas pelo jardim, como por exemplo: numa tarde cultural, palestras diversas sobre temas actuais, tais como: violência doméstica, violência infantil, importância da participação dos pais na educação dos filhos, desenvolvimento físico e mental da criança, desvios comportamentais, hiperactividade, delinquência, entre outras actividades educacionais, culturais e sociais importantes.

Às educadoras/monitoras:

- Como o diálogo e a comunicação são formas de melhoria no relacionamento entre o jardim e a família, é fundamental que os educadores/monitoras dialoguem mais com os pais e encarregados de educação de forma simples e clara para que haja uma maior interrelação entre ambos.
- As educadoras/monitoras devem aproveitar dos pais e encarregados de educação para desenvolverem actividades que beneficiam as crianças, os pais e encarregados de educação e o jardim (Oficina Pedagógica).
- As educadoras/monitoras devem organizar visita domiciliar com mais frequência a fim de despertar nos pais e encarregados de educação o interesse de se associarem nas actividades do jardim e participarem activamente.

Aos pais e encarregados de educação:

- Quanto aos pais e encarregados de educação devem participar mais e envolvendo nas actividades promovidas pelo jardim, em especial pelas educadoras/monitoras, pois, as crianças sentem-se motivadas em aprender e também trazem benefícios a vários intervenientes: às crianças, aos pais em gerais, aos jardins e, generalizando melhorias na sociedade.
- O envolvimento parental trazem novas perspectivas ao jardim; se acontecer de forma satisfaria as educadoras/monitoras terão uma visão dos pais mais positiva, assumindo atitudes mais favoráveis no processo de interrelação.

Referências Bibliográficas

- Anends, R.** (1995) *Aprender A Ensinar*. Edição McGrow – Hill de Portugal Lda.
- Bell, J.** (1993). *Como Realizar um Projecto de Investigação- Um guia para a Pesquisa em Ciências Sociais e da Educação*. Gradiva.
- Correia, de M. e Serrano M.** (2000). *Envolvimento em Intervenção Precoce*. Porto Editora Lda. Porto.
- Chambel M. & Curral L.** Psicossociologia 11ª ano – Cursos Tecnológicos, Texto Editora, 1994, Porto.
- Crahay, M.** (2002). *Poderá a Escola Ser Justa e Eficaz? Da igualdade de oportunidades á igualdade dos conhecimentos*. Instituto Piaget. Lisboa.
- Dicionário Língua Portuguesa Prestígio. (2007). Porto Editora lda.
- Delors, J. & al** (1996). *Educação um Tesouro a Descobrir*, Relatório para a UNESCO da comissão Internacional sobre educação para o século XXI. 8ª Edição. ASA Editores, S.A.
- Diogo, J.** (19989. *Parceria escola-família*. Porto: Porto Editora.
- Étienne & Bloessi.** (1997). *Dicionário de Sociologia*. Edição Técnica. Porto.
- Fernandes, J.** (1995). *Métodos E Regras Para Elaboração De Trabalhos Académicos E Científicos*. 2ª Edição. Porto: Editora Lda. Porto.

Fontes, H. (2006). *A relação Escola – Família no Ensino Básico Integrado* – Estudo de Caso na Escola OPEPI. Monografia Universidade Jean Piaget. Praia.

Formosinho, J. & tal (2003). *Educação Pré- escolar – A construção Social Da Moralidade*. 3^a Edição. Editora: Texto editora, Lda. Lisboa.

Fundação Infância Feliz (2008). *Construindo futuro da criança Cabo-verdiana*. Grafismo e Impressão – INCV- EP. Praia.

Giddens, A. (2000). *Sociologia*. Fundação Calouste Gulbenkiam. Lisboa.

Guia de estudos do Curso E811 da OU, 1988,54. Citado por (Bell, 1993: 96)

Liarte, O. (s/d). *Programa de Formação Maternidade e Puericultura*. Edição C, MC MXCVIII. Liarte Editores, S.A. Lisboa.

Lima, D. (1998). *Parceria escola – família*. Porto Editora. Porto.

Lima, J. (2002). *Pais e Professores, um desafio à cooperação*. Porto: editora. ASA. Porto.

Mauco, G. (1975). *A Educação Afectiva E Caracterial Da Criança*. 2^a Edição, Livros Horizonte, Lda. Lisboa.

Marinho, H. (1967). *Vida e educação no Jardim de Infância* – Introdução de Lorenzo Filho - Conquista. 3^a Edição. Rio de Janeiro.

Marques, R. (1991). *A Direcção de turma, integração escolar e a ligação ao meio*. Texto Editora LDA. Lisboa.

Marques, R. (2000). *Dicionário Breve de Pedagogia*. Editorial Presença. Lisboa.

Ministério da Educação Valorização dos Recursos Humanos, (S/D). Direcção Geral do Ensino Básico e Secundário. Guia das Actividades Curriculares para a Educação Pré - Escolar. Cabo Verde.

Ministério de Educação, Secretária de Educação Básica, (2009). *Indicadores Da Qualidade Na Educação Infantil*. MEC/SEB, Brasília.

Ministério da Educação, Departamento da Educação Básica Núcleo de Educação Pré – Escolar, (2002). Orientações Curriculares para a Educação Pré – Escolar. 2ª Edição Lisboa.

Monteiro, M. (2002). *Como ajudar os filhos nos estudos*. Porto: Porto Editora. Porto.

Mcwilliam & kruif. (1998). *Elementary Classroom management*. New York: Mc Graw – Hill.

Peres, J. (1977). *Administração e supervisão em educação*: Edição Atlas. São Paulo.

Spodek, B. & Browm P.(1996). *Modelos Curriculares para a Educação de Infância*. Porto: Porto Editora, Lda.

Spodek, B. & Saracho, O. (1998). *Ensinando Crianças de Três a Oito Anos*. Traduz. Cláudia Oliveira Dornelles. Editora Artes Médias Sul Lda. Porto Alegre.

Spodek, B. (ORG.). (2002). *Manual De Investigação Em Educação De Infância*. 2ª edição. Tradução de Ana Maia Chaves Lisboa. Edição da Fundação Calouste Gulbenkian. Lisboa.

Xypas, C. (1900), *Piaget e a Educação*. Instituto Piaget. Lisboa.

Zabalza, M. (1992). *Didáctica Da Educação Infantil*. 1ª Edição. Tinto Portugal, Edições ASA/ Clube do Professor. Portugal.

Citografia:

Ariès, P. (1978) *História Social da Criança e da Família*. Rio de Janeiro: Zabar Editores. W.W.W. Wikipédia. (Acessado em 19 de Janeiro de 2010).

Minuchin, S. (1999). *Famílias: Funcionamento & Tratamento*. Potro Alegre: Artes Médicas. W.W.W. Wikipédia. (Acessado em 04 de Dezembro de 2009).

Stanhope, M. (1999). *Teorias e Desenvolvimento Familiar*. In STANHOPE, Marcia. W.W.W. Wikipédia. (Acessado em 04 de Dezembro de 2009).

Brandão & tal (1985). *Educação Não Formal para uma Infância* W.W.W. car.pt/webpage/contents/pt/cad. (Acessado em 09 de Abril de 09 e 25 de Março de 2009).

Gastar, (s/d). *Pensar o Presente, Criar o Futuro: Educação Não-Formal*. W.W.W. inducar.pt/webpage/contents/pt/cad. (Acessado em 09 de Abril de 09 e 25 de Março de 2009).

Bibliografias periódicas (Leis Consultados):

B.O. da República de Cabo Verde - 1 de Fevereiro de 2001.

Constituição da República de Cabo Verde (1ª Revisão ordinária 1999) Assembleia Nacional. 2002.

Lei de Bases do Sistema Educativo - lei n.º 103/III/90 de 29 de Dezembro

Anexos

A1.Questionário aos pais e encarregados de educação

Este questionário está inserido no Trabalho de Fim de Curso, para obtenção de Grau de Licenciatura em Educação de Infância, na UNICV, intitulado “Interrelação entre Pais e Educadores na Educação das Crianças no Pré-Escolar.”

Agradecemos a vossa colaboração.

Adriana Baptista

I. Parte

Caracterização do Entrevistado (assinale com um X a sua condição)

1. Sexo

Masculino ☐

Feminino ☐

2. Idade

De 20 a 25 anos ☐

De 26 a 30 anos ☐

De 31 a 35 anos ☐

De 36 a 40 anos ☐

De 41 a 45 anos ☐

Mais de 46 anos ☐

3. Habilitações Literária

Ensino Primário ☐

Ensino Preparatório ☐

Ensino Secundário ☐

Bacharelato ☐

Licenciatura ☐

Mestrado ☐

Doutoramento ☐

Outro. Especifique por favor _____

1. Qual a sua profissão?

2. Onde é que trabalha?

4. Qual o grau de parentes em relação à criança?

Pai ☐

Mãe ☐

Avô, Avó ☐

Irmão ☐

Outro familiar ☐

Se outro, especifique por favor ☐

II. Parte

5. O que entendes por interrelação?

5.1 O que é para si uma boa interrelação entre pais (encarregado de Educação) e o educador-de-infância?

6. Na sua opinião qual é a maior preocupação dos pais (encarregado de Educação) na educação dos filhos?

Aponte as razões

7. É importante o envolvimento dos pais (encarregado de Educação) no jardim-de-infância?

Aponte as razões

8. Qual é o nível de participação dos pais no Jardim-de-infância?

Muito ☐

Pouco ☐

Razoável ☐

Nenhum ☐

III. Parte

9.Existe no jardim-de-infância alguma associação de pais?

Sim ☐

Não ☐

9.1. Se sim indique algumas actividades que a associação desenvolve no jardim-de-infância.

10. O jardim-de-infância faz alguma actividade que engloba os pais?

Sim ☐

Quais

Não ☐

Porquê

11. Em que tipo de actividade costuma participar mais no jardim-de-infância?

1. Muito

2. Pouco

3.Razoável

4.Nenhum

Participação em reuniões	
Organização de festas, visitas de estudo	
Ajuda nos trabalhos solicitado para a casa	
Campanha de limpeza	
Outro especifique por favor	

IV. Parte

12. Quais são as situações mais utilizadas para si para conversar com os educadores?
(assinale com um X a sua condição).

1. Momentos informais no jardim	
2. Reuniões de pais	
3. Reuniões de pais com outros profissionais (equipa de Educação Especial, médicos, terapeutas...)	
4. Reuniões individuais com pais	

13. Quais são os meios que costuma utilizar mais para contactar os educadores?
(assinale com um X a sua condição).

1. Contactos telefónicos	
2. Jornal escolar	
3.Pedido de ajuda a outros pais	
4. Notas escritas	
5.Levantamento de interesses dos pais	
6.Internet	
7. Outras vias, por favor especifiquem	

14.Recebe algum tipo de informação dos educadores?

Sim ☐

Não ☐

15.Que informações os educadores costumam solicitar aos pais ou encarregados de educação?

16. Sente-se obrigado(a) a contactar os educadores por alguma razão especial?

Sim ☐

Não ☐

Porquê

V. Parte

17. Que tipo de dificuldades Jardim encontra em relação as actividades que envolvam pais e educadores em prol da educação das crianças no pré - escolar?

18.Qual a estratégia desenvolvida para ultrapassar essas dificuldades

Obrigada pela sua contribuição

A2. Questionário aos educadores de infância

Este questionário está inserido no Trabalho de Fim de Curso, para obtenção de Grau de Licenciatura em Educação de Infância, na UNICV, intitulado “Interrelação entre Pais Educadores na Educação das Crianças no Pré- Escolar.”

Agradecemos a vossa colaboração.

Adriana Baptista

I. Parte

Caracterização do Entrevistado (assinale com um X a sua condição).

1. Sexo

Masculino ☐

Feminino ☐

2. Idade

De 20 a 25 anos ☐

De 26 a 30 anos ☐

De 31 a 35 anos ☐

De 36 a 40 anos ☐

De 41 a 45 anos ☐

Mais de 46 anos ☐

3. Habilitações Literária

Ensino Primário ☐

Ensino Preparatório ☐

Ensino Secundário ☐

Bacharelato ☐

Licenciatura ☐

Mestrado ☐

Doutoramento ☐

Outro. Especifique por favor _____

1. Qual a sua profissão?

2. Onde é que trabalha?

4. Qual o grau de parentes em relação à criança?

Pai ☐

Mãe ☐

Avô, Avó ☐

Irmão ☐

Outro familiar ☐

Se outro, especifique por favor-

II. Parte

5. O que entende por interrelação?

5.1. O que é para si uma boa interrelação entre os pais (encarregados de educação) e o Educador de Infância?

6. É importante o envolvimento dos pais (encarregado de educação) no jardim-de-infância? Aponte as razões

7. Na sua opinião como é que os educadores poderiam proporcionar uma boa educação das crianças no pré – escolar?

8. Qual é o nível de participação dos pais no Jardim-de-infância?

Muito ☐

Pouco ☐

Razoável ☐

Nenhum ☐

III. Parte

9. Existe no jardim-de-infância alguma associação de pais?

Sim ☐

Não ☐

9.1. Se sim indique algumas actividades que a associação desenvolve no jardim-de-infância.

10. O jardim-de-infância faz alguma actividade que engloba os pais?

Sim ☐ Quais _____

Não ☐ Porquê _____

11. Em que tipo de actividade costuma participar mais no jardim-de-infância?

1. Muito

2. Pouco

3. Razoável

4. Nenhum

Participação em reuniões	
Organização de festas, visitas de estudo	
Ajuda nos trabalhos solicitado para a casa	
Campanha de limpeza	
Outro especifique por favor	

IV. Parte

12. Quais são as situações mais utilizadas para si para conversar com os educadores?
(assinale com um X a sua condição).

1. Momentos informais no jardim	
2. Reuniões de pais	
3. Reuniões de pais com outros profissionais (equipa de Educação Especial, médicos, terapeutas, ...)	
4. Reuniões individuais com pais	

13. Quais são os meios que costuma utilizar mais para contactar os pais?
(assinale com um X a sua condição).

1. Contactos telefónicos	
2. Jornal escolar	
3. Pedido de ajuda a outros pais	
4. Notas escritas	
5. Levantamento de interesses dos pais	
6. Internet	
7. Outras vias, por favor especifiquem	

14. Recebe algum tipo de informação dos pais?

15. Que informações os pais ou encarregados de educação costumam transmitir aos educadores?

16. Sente-se obrigado(a) a contactar os pais ou encarregados de educação por alguma razão especial?

Sim ☐

Não ☐

Por favor, diga
porquê _____

17. Que contacto o jardim-de-infância fazem com os pais?

V. Parte

18. Quantas reuniões por mês os educadores fazem normalmente com os pais?

19. Os pais visitam sempre o jardim-de-infância ou só quando são chamados?

VI. Parte

20. Qual é a sua opinião na participação dos pais no jardim-de-infância?

Aponta algumas razões

21. Que tipo de dificuldades o Jardim encontra em relação as actividades que envolvam pais e educadores em prol da educação das crianças no pré - escolar?

22. Qual a estratégia desenvolvida para ultrapassar essas dificuldades?

Obrigada pela sua contribuição

A3. Guião de entrevista

Objectivos: As questões que se seguem destinam - se a recolher dados para a elaboração de um trabalho monográfico que pretendemos realizar no âmbito da conclusão da etapa de Licenciatura de curso de Educação de Infância na Universidade de Cabo Verde, sobre: “Interrelação entre Pais e Educadores na Educação das Crianças no Pré - Escolar”.

A confidencialidade da sua opinião e resposta será garantida.

Adriana Baptista

Entrevista à Coordenadora da Instituição (Jardim).

Dados pessoais

I. Parte

1. Quanto tempo trabalha na Fundação Infância Feliz/ Jardim-de-infância?

2. Qual é o seu Papel no Fundação Infância Feliz/Jardim-de-infância?

3. Porquê escolheu trabalhar nesta área?

II. Parte

4. Os pais visitam o jardim-de-infância sem serem convocados pelo jardim?

5. Quais são as situações mais utilizadas para si para conversar com os pais e encarregados de educação?

6. Qual é a sua opinião quanto a participação dos pais no jardim-de-infância?
Aponta algumas razões

7. O que entendes por interrelação?

7. 1.O que é para si uma boa interrelação entre pais (encarregado de Educação) e o educador de infância?

III. Parte

8. O jardim-de-infância faz alguma actividade que engloba os pais e os educadores?

9. Acompanha as actividades que são desenvolvidas pelos pais e pelos educadores na educação das crianças no pré-escolar?

10. Pessoalmente como tem ajudado nessa interrelação entre os pais (encarregados de Educação) e o educador de infância?

11. Como coordenadora que actividades propõe para maior interrelação entre os pais e educadores na educação das crianças no pré-escolar?

IV. Parte

12. Que tipo de dificuldades a instituição (Jardim de infância) encontra em relação as actividades que envolvam pais e educadores em prol da educação das crianças no pré-escolar?

13. Tem recebido feedback/apoios por parte do Ministério de Educação?

14. Qual é a estratégia desenvolvida para ultrapassar essas dificuldades?

Obrigada por teres colaborado connosco